

Ana Célia Rodrigues de Souza

# **BORGES E A CEGUEIRA PROFÉTICA**

---

MONOGRAFIA DO CURSO DE FORMAÇÃO SBPA – VII TURMA

ORIENTADORA: Maria Zelia de Alvarenga

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ANALÍTICA

2009

Aos meus queridos  
pais, Themis e José Carlos,  
e filhos, Luiz e Helena.

Ao meu maior amigo  
e melhor companheiro de todas as  
horas, pai de meus filhos, Fábio.

Meu sincero agradecimento a todos que  
encontrei no meu caminho. E, em especial,  
a minha querida mestra e amiga Maria  
Zelia, pelo apoio e acolhimento carinhoso  
na concretização de mais esta tarefa  
heróica.

## **Índice**

<b>RESUMO</b>	<b>4</b>	
<b>I INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>	
<b>II OBJETIVOS</b>	<b>12</b>	
<b>III BORGES – A EVOCAÇÃO</b>	<b>14</b>	
<b>IV MEMÓRIA E ESQUECIMENTO</b>	<b>46</b>	
<b>IV.a ESQUECIMENTO E CEGUEIRA SIMBÓLICA</b>	<b>62</b>	<b>3</b>
<b>V SENESCÊNCIA</b>	<b>75</b>	
<b>VI CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>81</b>	
<b>VII REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>83</b>	

## Resumo

Esta monografia versa sobre alguns conceitos teóricos da Psicologia Analítica – complexo, ego, herói, sombra, *anima*, *Self*, arquétipo do velho sábio, processo de individuação – utilizando a leitura simbólica de personagens e cenários da peça teatral de Ignácio de Loyola Brandão (*A última Viagem de Borges – uma evocação*).

O personagem principal da trama de Brandão – Borges – é o fio guia para a reflexão do símbolo-sintoma **esquecimento**, considerado pelo próprio Borges como outra maneira de ser cego.

O tema é amplificado por meio de figuras da mítica grega: Tirésias e Édipo, ambos já idosos, cegos, videntes, e por mim considerados como expressões do arquétipo do velho sábio.

São feitas algumas considerações sobre as disfunções mnemônicas na senescência, como também um ‘inventário’ sobre a Memória (Mnemosýne).

**Palavras chave:** Borges, memória, esquecimento, cegueira simbólica, Tirésias, Édipo e senescência.

## Abstract

This monograph turns on some theoretical concepts of Analytical Psychology – complex, ego, hero, shadow, *anima*, *Self*, archetype of the wise old, process of individuation – using symbolic reading of personages and scenes of the theatrical part of Ignácio de Loyola Brandão (*The last trip of Borges – a evocation*).

The main personage of the tram of Brandão – Borges – is the wire guide for the reflection of the symbol-symptom forgetfulness, considered for the proper Borges as another way to be blind.

The subject is amplified by means of figures of the mythical Greek: Tiresias and Oedipus, both already aged, blind, clairvoyants, and for me considered as expressions of archetype of the wise old.

Some considerations on the mnemonic dysfunctions in the senescence are made, as we as one ‘inventory’ on the Memory (Mnemosýne).

**Key words:** Borges, memory, forgetfulness, symbolic blindness, Tiresias, Oedipus and senescence.

# I. INTRODUÇÃO

Repito por pura alegria de viver:  
A salvação é pelo risco,  
Sem o qual a vida não  
Vale a pena!  
Clarice Lispector

Este trabalho vem se delineando num plano inconsciente, ao longo do curso de formação, ou talvez, desde que nasci!

Hoje “re-conheço” como força-motriz da minha vida, uma das muitas sementes que me compõem: a curiosidade, intensa e imensa, de saber do outro, outro em tudo, talvez como ponte para o outro lado de mim mesma. Curiosidade, cuja principal fonte é o mistério, mistério da vida. Hoje para mim a arte do conhecimento implica trabalhar esse mistério.

Como um fio-guia, essa energia foi dirigindo meus passos por esses caminhos labirínticos, nesse caos que constantemente busca a organização, deste momento em que me encontro. Desde o fazer medicina, psiquiatria, análise junguiana, mestrado em ciência do comportamento, ser mãe, buscar a formação em psicologia analítica e a diferenciação do feminino – mulher; tornar-me companheira de muitas jornadas em parcerias: parceira da vida, da dor, da solidão, da morte, da mãe, do herói, do pai, da criança, da sombra, do amante, enfim, do divino e do humano em mim.

Como o germinar de uma semente plantada pelo *Self*, no primeiro ano do Curso de Formação de Analistas Junguianos da SBPA, convidada por uma colega da VII Turma fui assistir à peça teatral: *A última viagem de Borges (uma evocação)*. Fiquei muito mobilizada pela apresentação, e também, fui muito caçoada por minhas amigas que, de imediato, olharam-me quando os personagens Funes (o memorioso) e o Bibliotecário Imperfeito entraram em cena. São amigas porque conversamos pelo olhar, e só por aí, muito entendemos umas das outras; e, além do mais, a memória exacerbada é mais uma das minhas sementes frutificadas. E essa jornada de Borges ouvida ali, não pela primeira vez, acompanhar-me-ia desde então, sendo intrigante em diversos aspectos.

No terceiro ano do curso, afetou-me o tema da traição, no mito e na vida. Porém, para mim a traição atrela-se à possibilidade de *coniunctio* e como diz Carotenuto (2004, pp.19-27): *um de seus sinônimos é tradição, podendo ser aproximado do sentido de tradução*, o que me lembra o separar, para trazer o novo, como ocorre com as fitas de DNA, na Biologia.

Então, gradualmente fui mergulhando na questão, rememorando minhas vivências e discriminando reflexivamente partes de mim mesma. Também nesse ano, mobilizada por questões transferenciais no atendimento de um cliente no consultório, fui procurar Dr. Rodney Taboada para supervisão individual.

Já, no quarto ano, supervisionanda também de Dra. Maria Zelia de Alvarenga (supervisão em dupla, pelo curso de formação), o campo foi frutificando um tanto mais! Auxiliada por essa dupla (Maria Zelia e Taboada) conjugava com eles um *tertium* e comprometia-me, comigo mesma, a realizar da melhor maneira possível, mais esse ritual iniciático da formação.

É claro que também meus ex-analistas, supervisores, “seminareiros”, colegas, clientes, amigos e familiares muito contribuíram para a elaboração desta aventura.

*Mexe  
Qualquer coisa dentro, doida  
Já qualquer coisa doida  
Dentro mexe  
Não se avexe não  
Baião de dois  
Deixe de manha, 'xe de manha, pois  
Sem essa aranha! Sem essa aranha!*

\*\*\*\* Qualquer coisa (Caetano Veloso)

Começando pela escolha do título, ele modificou-se algumas vezes ao longo destes anos. Primeiramente, pensei em batizar o assunto como: *A cegueira profética e na relação transferencial*, inspirada em Édipo, personagem que sempre me tocou. Tempos depois, passei a chamá-lo: *Traição e Coniunctio - As flores da morte no Paraíso em vida*, sendo Paraíso em vida: um momento de síntese de polaridades, resultando na morte de um conteúdo psíquico a ser integrado, com o reinício do processo para integração de outro conteúdo, isto é, a jornada interminável, a estrada da individuação. E finalmente, após ter começado o trabalho pensando em: *Traduzindo Maldições - o fio de Ariadne nas mãos de Antígona*, onde abordaria o arquétipo *puer et*

*senex* e suas interações com o feminino, decidi-me por retomar o primeiro título, ligeiramente modificado – *Borges e a Cegueira Profética* - e redirecionar também o conteúdo, que espero fique suficientemente claro ao longo de todo o texto.

Não  
*Não sei se é um truque banal*  
*Se um invisível cordão*  
*Sustenta a vida real*

*Cordas de uma orquestra*  
*Sombras de um artista*  
*Palcos de um planeta*  
*E as dançarinas no grande final*

*Chove tanta flor*  
*Que, sem refletir*  
*Um ardoroso expectador*  
*Vira colibri*

Qual  
*Não sei se é nova ilusão*  
*Se após o salto mortal*  
*Existe outra encarnação*

*Membro de um elenco*  
*Malas de um destino*  
*Partes de uma orquestra*  
*Duas meninas no imenso vagão*

*Negro refletor*  
*Flores de organdi*  
*E o grito do homem voador*  
*Ao cair em si*

*Não sei se é vida real*  
*Um invisível cordão*  
*Após o salto mortal*

\*\*\*\* O circo místico (Chico Buarque)

O termo **monografia** pode ser definido como *uma dissertação sobre um ponto particular de uma ciência, de uma arte, de uma localidade, sobre um mesmo assunto ou sobre assuntos relacionados. Normalmente escrito apenas por uma pessoa. É o principal tipo de texto científico* (Wikipedia). Porém, segundo Gérard Lutte: *toda elaboração científica é uma releitura subjetiva da realidade, e assim, não se pode falar*

*de modo profundo e pessoal do tema sem tê-lo vivido intensamente* (in Carotenuto, 2005, p.10).

E ainda, segundo Gérard Lutte ( in Carotenuto, 2005):

a psicologia positivista-experimentalista, agora hegemônica, pretende-se objetiva só porque objetiviza o homem, privando-o da sua humanidade, subjetividade e historicidade, [...] ocupando-se, principalmente, de fenômenos que parecem quantificáveis. Isso revela o quanto esta corrente tem desviado a busca e a teorização do psíquico, descuidando dimensões essenciais da experiência humana - objeto específico do estudo psicológico - como a individualidade, a historicidade e a interioridade (p.9).

Sendo assim, não é a esse tipo de corrente que pertencço, nem esse tipo de texto científico que me proponho apresentar.

Inspirada por *Mnemosýne*, expectando a direção das nove *Musas*, suas filhas, pretendo, como canta Milton Nascimento (Canção Amiga - Clube da Esquina 2): *preparar uma canção que fale como dois olhos, para acordar os homens e adormecer as crianças*. Pretendo preparar uma canção para falar dos mistérios, para dar vazão à voz embutida em mim.

Partindo de referenciais teóricos de Jung, Hillman, Neumann, Alvarenga, Byington, Brandão, Graves, Kerényi, Campbell e outros, citados ao longo do texto, faço uma leitura simbólica de personagens e cenários da peça de Ignácio de Loyola Brandão. Espero fazê-lo de modo compreensível e nem tanto enfadonho ou cansativo, ilustrando o texto, preferencialmente, com ampliações do símbolo **esquecimento** com o recurso de alguns personagens da mítica grega (nossa referência cultural mais próxima).

O porquê da amplificação mítica como escolha é uma porção de minha jornada já mais antiga. O primeiro contato que estabeleci com a mitologia vem de uma imagem de Magritte de Mnemósina (*Mnemosýne*, a deusa da memória, mãe das Musas) numa capa do livro *O Eu profundo e outros Eus*, de Fernando Pessoa – o primeiro livro de poesia que ganhei no final da adolescência. Fiquei fascinada pela poesia além da imagem. Aos poucos, fui alargando minha superfície de contato com essa matéria. Num primeiro momento, fiz algumas cópias da imagem, depois passei a acrescentar um pouco de cor, uma lágrima, e coleí umas frases poéticas que faziam algum sentido desconhecido para mim. Com as mudanças na vida, essa imagem se

perdeu e ao começar este trabalho fiz uma nova cópia que se encontra ao final dessa introdução.

Tempos depois, em 1994, fui assistir a meu primeiro curso de Mitologia ministrado por Maria Zelia na SBPA. Então, passei a buscar significados daquela imagem e descortinou-se para mim um mundo exuberante de símbolos, que me tocavam para além dos cinco sentidos. Desde aí, venho estudando mitologia.

O mito, a poesia e a música tocam-me de modo semelhante, bem como fico mobilizada por algumas imagens; por isso são elementos presentes neste texto, ocupando o lugar daquilo que não pode ser expresso por uma idéia apartada dos sentimentos.

Meu primeiro contato com a Psicologia Analítica ocorreu quando cursava a Faculdade de Medicina, no quinto ano (1989), nove meses após ter me casado com um colega psiquiatra, alguns anos mais velho que eu. De repente, começaram aparecer umas revistas *Junguiana* em minha casa, trazidas por ele. Como se por uma ironia do destino, ou no sentido mais usual de nossa cultura patriarcal, ocidental, chegaram-me através de uma traição, pois as revistas pertenciam à, então, namorada de meu marido. Passei a lê-las, desconhecendo sua procedência, e ficava cada vez mais interessada por aquele modo de encarar a psique. Faço esta colocação por achar que faz parte do tema, dando o sentido que vivenciei ao longo dos anos, com relação ao conceito de Carotenuto (2005, pp.118-33) de traição. Algo que num dado momento é trazido pelo *Self* inesperadamente, sem um entendimento pleno da consciência, vivido como ferida passa a constituir-se como um dos tijolos desse meu movimento criativo; vivência dolorosa num primeiro momento e, que me abriu muitos caminhos na vida, trazendo à minha consciência muitas informações de mim mesma. Trair como a separação que traz o novo. E após essa, muitas outras traições vieram, porém, eu percebia com maior clareza a vivência de meus papéis de algoz e vítima de mim mesma. Com menor sofrimento, foram experiências que guiaram minha vida no sentido do crescimento, do desenvolvimento, da ampliação, enfim, como diz Hillman: movimentos de desconstrução e reconstrução em direção à inteireza da minha personalidade, diferenciando minha consciência.

Anos de trabalho analítico, vivido nas duas polaridades, tornaram as traições familiares, maldições que nós humanos experimentamos em vida.

É numa sessão de análise, como diz Carotenuto (2005): que

se pode deixar levar, onde podemos mostrar nossas fraquezas mais rênidas, podemos gritar nossa raiva e o nosso justo ressentimento contra uma vida, que muitas vezes, parece-nos ser preparada mais pelo Diabo que por Deus. [Mas,]com efeito, ser homem na totalidade, do espectro que acompanha nossa existência, às vezes, significa sermos 'doentes' ( p. 15).

Isso, numa das polaridades, pois como analista, o deixar-se levar tem uma finalidade mais diferenciada, eis a grande tarefa, nem sempre fácil, de estar a serviço do processo de individuação do outro. Porém, como eterna aprendiz, o outro também é parte de mim.

Como fugir do que levamos em nós mesmos?

E, desse ponto começo a refletir as tais maldições!

Tienen miedo del amor y no saber amar  
Tienem miedo de la sombra y miedo de la luz  
Tienem miedo de pedir y miedo de callar  
Miedo que da miedo del miedo que da

Tienem miedo de subir y miedo de bajar  
Tienem miedo de la noche y miedo del azul  
Tienem miedo de escupir y miedo de aguantar  
Miedo que da miedo del miedo que da

El miedo es una sombra que el temor no esquiva  
El miedo es una trampa que atrapó al amor  
El miedo es la palanca que apagó la vida  
El miedo es una grieta que agrandó el dolor

Tenho medo de gente e de solidão  
Tenho medo da vida e medo de morrer  
Tenho medo de ficar e medo de escapular  
Medo que dá medo do medo que dá

Tenho medo de acender e medo de apagar  
Tenho medo de esperar e medo de partir  
Tenho medo de correr e medo de cair  
Medo que dá medo do medo que dá

O medo é uma linha que separa o mundo  
O medo é uma casa aonde ninguém vai  
O medo é como um laço que se aperta em nós  
O medo é uma força que não me deixa andar

Tienem miedo de reir y miedo de llorar  
Tienem miedo de encontrarse y miedo de no ser  
Tienem miedo de decir y miedo de escuchar  
Miedo que da miedo del miedo que da

Tenho medo de parar e medo de avançar  
Tenho medo de amarrar e medo de quebrar  
Tenho medo de exigir e medo de deixar  
Medo que dá medo do medo que dá  
O medo é uma sombra que o temor não desvia  
O medo é uma armadilha que pegou o amor  
O medo é uma chave, que apagou a vida  
O medo é uma brecha que fez crescer a dor

El miedo es una raya que separa el mundo  
El miedo es una casa donde nadie va  
El miedo es como un lazo que se apierta en nudo  
El miedo es una fuerza que me impide andar

Medo de olhar no fundo  
Medo de dobrar a esquina  
Medo de ficar no escuro  
De passar em branco, de cruzar a linha  
Medo de se achar sozinho  
De perder a rédea, a pose e o prumo  
Medo de pedir arrego, medo de vagar sem rumo

Medo estampado na cara ou escondido no porão  
O medo circulando nas veias  
Ou em rota de colisão  
O medo é do Deus ou do demo  
É ordem ou é confusão  
O medo é medonho, o medo domina  
O medo é a medida da indecisão

Medo de fechar a cara, medo de encarar  
Medo de calar a boca, medo de escutar  
Medo de passar a perna, medo de cair  
Medo de fazer de conta, medo de dormir  
Medo de se arrepender, medo de deixar por fazer  
Medo de se amargurar pelo que não se fez  
Medo de perder a vez  
Medo de fugir da raia na hora H  
Medo de morrer na praia depois de beber o mar  
Medo... que dá medo do medo que dá  
Miedo... que da miedo del miedo que da

\*\*\*\* Miedo (Lenine)

## II. OBJETIVOS

1. Partindo do roteiro teatral de Ignácio de Loyola Brandão: *A última viagem de Borges (uma evocação)* proponho uma **leitura simbólica** de **personagens e cenários** como **elementos constituintes e estruturantes da Psique**, trabalhando conceitos segundo um referencial teórico da Psicologia Analítica.

2. Compartilhando com Jorge Luiz Borges a idéia de que o *esquecimento é outro modo de se estar cego*, inicio uma reflexão sobre a **memória**, como função psíquica e a **cegueira simbólica**, correlacionando-as com a **diferenciação da consciência** no processo de individuação e sua interferência na relação com o OUTRO.

3. Amplifico o tema abordado utilizando-me do mito grego, privilegiando as figuras de **Mnemósina** (deusa da memória e mãe das nove musas), **Tirésias** (o velho cego vidente-profeta que já foi mulher e homem) e **Édipo**.

4. Faço algumas reflexões sobre a **senescência**.

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um infante, que viria  
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera,  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado,  
Ele dela é ignorado,

Ela para ele é ninguém.  
Mas cada um cumpre o Destino -  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

\*\*\*\* Eros e Psiquê (Fernando Pessoa)

### III. BORGES – A evocação

[... ] vi a engrenagem do amor e a modificação da morte, vi o Aleph, de todos os pontos, vi no Aleph a terra, e na terra outra vez o Aleph e no Aleph a terra, vi meu rosto e minhas vísceras, vi teu rosto e senti vertigem e chorei, porque meus olhos tinham visto esse objeto secreto e conjectural cujo nome usurpam os homens, mas que nenhum homem olhou: o inconcebível universo ( Borges, 1999, OC Vol 1, p.696 ).

Começo por essa citação, em função de sua importância na vida de Borges, como protagonista principal do roteiro teatral – embora, muitas vezes, ao longo do texto, ‘Borges’ personagem, mescle-se com ‘Borges-Borges’. Considero a visualização do Aleph um encontro com o numinoso, **si-mesmo** (*Self*), momento a partir do qual grandes questões se constelam para a transformação do personagem em sua jornada.

Segundo o próprio Borges (1999), em suas Obras completas, vol.1, o Aleph é a primeira letra do alfabeto da língua sagrada; para a Cabala, significa o *En Soph*, a ilimitada e pura divindade; também diz-se ter a forma de um homem assinalando o céu e a terra, para indicar que o mundo inferior é o espelho e o mapa do superior; é o símbolo dos números transfinitos, nos quais o todo não é maior que qualquer das partes (pp.697-8). E no conto de mesmo nome, Borges descreve sua vivência como tendo visto

uma pequena esfera furta-cor, de quase intolerável fulgor. A princípio, julguei-a giratória; depois, compreendi que esse movimento era ilusão produzida pelos vertiginosos espetáculos que encerrava. Seu diâmetro seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava aí, sem diminuição de tamanho. Cada coisa era infinitas coisas, porque eu via claramente de todos os pontos do universo. [...] Vi todos os espelhos do planeta e nenhum me refletiu. [...] Vi milhões de atos prazerosos e atrozes; nenhum me assombrou tanto como o fato de que todos ocupassem o mesmo ponto, sem superposições e sem transparência (p. 695).

Ainda, o Aleph, pode ser entendido como uma mandala, um dos símbolos fundamentais de totalidade no processo de individuação, o círculo sagrado.

Logo após, Borges refere o início de seu desespero de escritor, pois *toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartilham; como transmitir aos outros o infinito Aleph, que minha temerosa*

*memória mal e mal abarca? O que viram seus olhos foi simultâneo, mas o que transcreveria, apresentou-se de forma sucessiva, linear, pois a linguagem assim o é. E, Borges questiona-se: existe esse Aleph no íntimo de uma pedra? Vi-o quando vi todas as coisas e o esqueci? Nossa mente é porosa para o esquecimento (p.698). E por último, amedrontado com a vivência e suas decorrências, refere após algumas noites de insônia, sentir agir sobre ele, outra vez, o esquecimento.*

Em Brandão (2005, p. 91), o personagem Borges, ator principal, que simbolicamente pode ser considerado como a personificação do **Eu**, inicia a peça num monólogo, apresentando **vivências** do seu presente: aos oitenta e seis anos de vida (um ano antes de sua morte concreta), cego, muito angustiado e deprimido por seu esquecimento:

Forma de nosso ser; piedosamente Deus nos depara sucessão e olvido (Borges, 1999, OC Vol. 2, p. 330).

Será um aviso? O que me aconteceu?

As palavras podem ser astuciosas e armam ciladas para nos desafiar. A minha palavra fugiu. Escapou e se escondeu. Eu a construí durante longo tempo com sílabas articuladas cheias de ternuras e temores (Borges, 1999, OC Vol. 1, p. 522). Assim que a vi pronta, não me atrevi a escrevê-la, a comunicá-la a ninguém. Eu a deixei guardada, a salvo do esquecimento. Desapareceu. Uma palavra única, solitária. Não se adaptou ao mundo? Sem ela, me sinto cego, eu que jamais lamentei a cegueira. Criei e perdi a palavra que seria a mais perfeita do mundo. A palavra seria anterior a criação da linguagem, sem etimologias, sem raízes, vinda da eternidade, de um tempo em que o tempo não existia. Formosa como uma nota musical. E agora? (Brandão, 2005, p. 91).

Simbolicamente, a palavra perfeita criada e esquecida por Borges, seria para ele a expressão de um símbolo da totalidade. Porém, no meu entender, a palavra representaria seu **Eu idealizado ou identificado ao si-mesmo** (matéria retomada mais adiante).

O que estaria acontecendo com Borges?

Qual o significado de seu esquecimento vivido com tanta angústia?

Apenas como um exercício do fantasiar, imaginar, poderíamos pensar no momento fatídico em que nos damos conta de não sermos o que idealizávamos ser?

Difícil instante no processo de individuação, seguido inevitavelmente da questão: quem somos, então?

Seria esse o momento da **metanóia** de Borges (quando na segunda metade da vida surgem objetivos diferentes daqueles da primeira metade)?

Segundo Aristóteles (2008, p. 14): *Somos aquilo que fazemos dia após dia. De modo que a excelência não é um ato, mas um hábito.*

Continuando o fantasiar, proporia que após a visualização do Aleph, ou o contato com o numinoso, Borges tornou-se inflado. Passou a buscar a perfeição, e cria essa palavra perfeita para transmitir sua vivência. Sem o esquecimento da palavra criada, Borges estaria mantendo-se nesse estado de inflação.

Em Brandão (2005, p.160-1), o personagem Borges descreve o momento da criação da palavra perfeita:

*A vida inteira procurei a palavra que dissesse tudo, significasse tudo, exprimisse o todo, o universo, o homem, a vida, o sentido das coisas.[...] Palavra que pudesse ser colocada em qualquer ponto do texto e que desse força e sentido à frase. Uma palavra pela qual eu estivesse disposto a dar a vida.[...] Naquela noite, quando me ajeitei no porão da casa de Carlo Dario para contemplar o Aleph, contemplei algo mais: a possibilidade de criar esta palavra. Senti que meu destino era esse.[...] cheguei à palavra. Mas era grande demais para ser memorizada, guardada ou escrita, porque contém não 10 mil letras, porque 10 mil é um número que não se deve usar. Eram, no entanto, 9.999 letras multiplicadas por 9.998, por sua vez multiplicados por 9.997 [...] e assim continuando, até o infinito. Essa palavra é o infinito, ou se preferirem a eternidade, e eu a percebi inteira. [...] Quando me vi diante de uma palavra maior do que o universo, imaginei a possibilidade de reduzi-la,[...] Foi quando depois de dias e noites em que os movimentos cessaram, os relógios ficaram imobilizados e o tempo deixou de existir que atingi a perfeição. Aquela palavra foi condensada em oito letras, quatro vogais e quatro consoantes. Estava terminado. Porque fui um homem que se propôs a desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoei o espaço com imagens de navios, torres, cavalos, armas e homens somente para descobrir, no momento de minha morte, que desenhei minha própria cara.*

Anos após essa vivência com Aleph, Borges fica literalmente cego e sincronicamente, é nomeado diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires. Borges (2004) assim refere em seu texto La Ceguera:

*Poco a poco fui comprendiendo la extraña ironía de los hechos. Yo siempre me había imaginado el Paraíso bajo la especie de una biblioteca. [...] Ahí estaba yo. Era, de algún modo, el centro de novecientos mil volúmenes en diversos idiomas. Comprobé que apenas podía descifrar las carátulas y los lomos. Entonces escribí el “Poema de los dones”, que empieza: “Nadie rebaje a lágrima o reproche/ Esta declaración de la maestría/ De Dios que con magnífica ironía/ Me dio a la vez los libros y la noche”. Esos dos dones*

*que se contradicen: los muchos libros y la noche, la incapacidad de leerlos (p.278).*<sup>1</sup>

Retomando a trama da peça, via **esquecimento** – outro modo de ficar cego, segundo Borges – esse *daimon*<sup>2</sup> estaria recolocando-o em seu caminho de individuação, na busca de si-mesmo e, assim, possibilitando mais uma vez, olhar-se, desidealizar-se, saber-se em sua totalidade.

A desidealização do ego implicaria no difícil confronto com a **sombra**, colocando-nos num conflito de deveres, dilemas éticos, onde a identificação com a **persona** (segmento mais ‘externo’ da psique, com uma função importante de adaptação social) deveria dar lugar às demandas do Self (totalidade do indivíduo). Aceitar o conflito, estabelecendo um diálogo com a essência mais profunda da personalidade, com o todo, portanto, transcendendo o ego, implicaria na reflexão e vivência do sofrimento necessárias à ampliação da consciência (Aufranc, 2002).

*Essa vivência traz em si a questão do significado da vida – o que a vida quer de mim? O que somos em nossa totalidade única não é nossa responsabilidade subjetiva, mas o que fazemos com isso na realidade é, sim, de nossa responsabilidade* (Aufranc, 2002). Confrontar-se com a sombra significa aceitar a própria imperfeição, as próprias falhas, a própria humanidade, transformando a necessidade de perfeição do **ego idealizado** em aceitação digna de quem se é por inteiro, com qualidades e defeitos. Representa um dos maiores desafios do processo de individuação.

Gostaria de retomar o conceito de **Eu** para a Psicologia Analítica. Essa estrutura considerada o **complexo** central da consciência, como os demais complexos da psique, constitui-se como um núcleo contendo experiências arquetípicas e vivências pessoais, com conteúdos de valor afetivo; ou como define Jung (1995, § 1352): *o conceito nada mais é psicologicamente do que um complexo de idéias, mantido coeso e fixo pelos sentimentos cenestésicos.*

---

1. As traduções livres feitas por mim de todos os textos de Borges, em espanhol, encontram-se nas notas de rodapé. Pouco a pouco fui entendendo a estranha ironia dos fatos. Eu sempre imaginei o Paraíso como uma espécie de biblioteca. Aí estava eu. Era, de algum modo, o centro de 900 mil volumes em diversos idiomas. Comprovei que apenas podia decifrar as páginas de rosto e as costas. Então, escrevi o “Poema dos dons” que começa: Ninguém reduza a lágrima ou rejeite/ esta declaração da maestria/ de Deus, que com magnífica ironia/ deu-me a um só tempo os livros e a noite. Esses dois dons que se contradizem: muitos livros e a noite, a incapacidade de lê-los.  
2. como referido por Platão (2001, Livro X) no mito de Her: o **gênio**, que servia como um guarda no decurso da vida mortal, ajudando a cumprir o destino escolhido ( p. 418). Aqui, o **daimon** seria o esquecimento.

Ainda citando Jung (1990):

Sujeito de todos os atos conscientes da pessoa; fator complexo com o qual se relacionam todos os conteúdos conscientes; centro do campo da consciência (§ 1).

Na mesma obra, Jung (1990) também descreve o *Eu como responsável pelos limites do sujeito, toda vez que toca o âmbito do desconhecido*. O desconhecido pode pertencer a dois grupos: *fatos externos que podemos atingir por meio dos sentidos e, mundo interior objeto de nossa experiência imediata - o inconsciente* (§ 2). O **Eu** é uma estrutura subordinada ao **si-mesmo** (que por sua vez, é o *centro da totalidade da personalidade; ou ainda, a personalidade global que não pode ser captada na totalidade*). O **Eu** possui um sentimento subjetivo de liberdade (*livre-arbítrio*), mas dentro dos limites do campo da consciência, pois com a existência da psique extra-consciente, o *Eu não representa a totalidade da personalidade e, sua autonomia é, portanto, limitada* (§9 e 11). O **Eu** seria então, a meu ver, responsabilizado pelo **si-mesmo** pela tentativa de harmonizar tantos outros complexos, mais ou menos conscientes, mais ou menos autônomos; o condutor, maestro das vivências simbólicas, orientado pelo **si-mesmo**, no sentido da individuação.

Quanto ao **complexo**, Jung (1995) afirma:

[Ser] um conjunto de idéias que se mantêm unidas, através de uma carga emocional, comum a todas (§ 1350); um conteúdo psíquico especial de caráter desagradável do qual provém a neurose e que o paciente deve se autoconscientizar (§ 1351). No teste de associação de palavras, ocorre a insegurança da memória por interferência dos complexos; palavras associadas a um complexo tendem a ser rapidamente esquecidas ou substituídas. O complexo e seu material associativo gozam de uma autonomia incomum na hierarquia da psique, de forma que se poderia compará-los a vassalos rebeldes; e a autonomia se baseia na forte carga emocional do complexo. Os complexos podem destruir o autocontrole e se impor como uma vontade estranha ao Eu (§ 1352).

(1984) [Os complexos] fazem parte da constituição psíquica que é o elemento absolutamente predeterminado de cada indivíduo (§213). A investigação dos complexos nos abriu uma área-tabu da alma, de onde nos vêm temores e esperanças de toda espécie (§215). Os complexos constituem as verdadeiras unidades vivas da psique inconsciente, cuja existência e constituição só podemos deduzir através deles. Os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas, são a via regia para o inconsciente (§ 210). A liberdade do Eu cessa onde começa a esfera dos complexos, pois

são potências psíquicas cuja natureza mais profunda ainda não foi alcançada (§ 216). Os complexos são aspectos parciais da psique dissociados. A etiologia de sua origem é muitas vezes um chamado trauma, um choque emocional, que arranca fora um pedaço de psique. Uma das causas mais freqüentes é um conflito moral cuja razão última reside na impossibilidade aparente de aderir à totalidade da natureza humana. Essa impossibilidade pressupõe uma dissociação imediata, quer a consciência do Eu saiba ou não. Há uma inconsciência pronunciada a respeito dos complexos. Essa inconsciência ajuda a assimilar o Eu, resultando numa modificação momentânea e inconsciente da personalidade, chamada identificação do complexo (§ 204). Os complexos constituem objetos da experiência interior e não podem ser encontrados em plena luz do dia, ou na rua ou em praças públicas. Não são totalmente de natureza mórbida, mas manifestações vitais próprias da psique, independente do grau de diferenciação da mesma (§ 209). As pessoas têm repugnância em considerar os complexos como manifestações normais da vida e, esse medo provoca resistência a conhecer esse algo desconhecido e, portanto, perigoso (§211). A constelação de complexos é um processo automático que ninguém pode deter por vontade própria. Esse termo exprime o fato de que uma situação exterior desencadeia um processo psíquico que consiste na aglutinação e atualização de determinados conteúdos. Esses conteúdos constelados são determinados complexos que possuem energia específica própria (§ 198). Hoje em dia todo mundo sabe que as pessoas “têm complexos”. Mas o que não é bem conhecido e, embora de maior importância, é que os complexos podem “ter-nos”. Toda constelação de complexos implica um estado perturbado de consciência. A própria memória é muitas vezes profundamente afetada. Daí se deduz que o complexo é um fator psíquico que em termos de energia supera nossas intenções conscientes, colocando-nos num estado de “não-liberdade”, de pensamentos obsessivos e ações compulsivas<sup>3</sup> (§ 200).

Dentro do construto teórico da Psicologia Analítica a consciência originar-se-ia do inconsciente e ampliar-se-ia com conteúdos inconscientes integrados ao longo do processo de elaboração simbólica, na jornada de individuação.

Quanto maior a integração dos conteúdos inconscientes, mais o Eu aproxima-se do **si-mesmo**, num processo de ampliação da consciência. Mas, quando esses conteúdos não são integrados pode ocorrer o que Jung (1990, p.22) denomina de **inflação** do Eu. É necessária uma discriminação do **Eu** das figuras do inconsciente (**si-mesmo**, **anima**, **sombra**, por exemplo), ou melhor, uma definição dos limites do Eu. *Não se trata de uma arrogância consciente*; não se tem diretamente consciência deste estado. A inflação só pode ser detectada a partir de sintomas indiretos e ela aumenta o **ponto cego** do olho. Deve-se conferir autonomia e realidade (de natureza psíquica) a

---

<sup>3</sup> Os grifos do texto são meus.

essas figuras do inconsciente, aceitando-se esses fatores de projeção, para não se identificar com eles, aumentando assim a possibilidade da **inflação**. (§ 44).

*O si-mesmo, em sua totalidade, situa-se além dos limites pessoais e quando se manifesta, é sob a forma de um mitologema religioso* (Jung, 1990, § 57).

Da mesma forma que o **Eu** pode identificar-se com o si-mesmo tornando-se inflado (citado acima por Jung), ele pode ser inundado ou assimilado pelo **si-mesmo**, fragmentando-se (fenômeno observado em quadros psicóticos, por exemplo); embora esse processo seja inverso à identificação do **Eu** com o **si-mesmo**, a consequência vivenciada é a mesma, ou seja, a inflação (Jung, 1990, § 47). Essas vivências são consideradas patológicas porque impedem a elaboração simbólica; o conteúdo a ser percebido e integrado pela consciência fixa-se, aprisiona-se por mecanismos de defesa para proteger o **Eu** (Byington, 2006, p. 21).

O **Eu** pode estar ameaçado pelo **medo** do desconhecido ou paralisado pela inércia para manter-se acomodado. O impedimento para sair da acomodação pode ser determinado pela **preguiça**, que segundo La Rochefoucauld (Jung, 1986):

de todas as paixões, a mais desconhecida de nós mesmos é a preguiça; é a mais ardente e a mais maligna de todas, embora sua violência seja insensível e os danos que ela causa fiquem bem escondidos. [...] O repouso da preguiça é um encanto secreto da alma que susta repentinamente as mais ardentes diligências e as mais obstinadas resoluções ( § 253).

Bem, e por que tantas citações?

Primeiramente não podemos reinventar a roda; os autores citados, a meu ver, são claros em suas colocações; e meu intuito é possibilitar a melhor apreensão da aflição de Borges quanto ao esquecimento de sua palavra perfeita criada.

Por que palavra e não uma cena ou emoção?

Pensaria esta consciência, como predominantemente, exercida pela função **pensamento**.

O tipo é um aspecto unilateral do desenvolvimento (Jung, 1991, § 963). [...]A psique consciente é uma espécie de aparelho de adaptação ou orientação, constituído de certo número de diferentes funções psíquicas(idem, § 964). [São] quatro as funções básicas e suficientes para expressar e representar os meios e caminhos da orientação consciente. Para uma orientação plena da consciência, todas as funções deveriam concorrer igualmente (idem, § 965). [...] Mas, na verdade, essas funções básicas estão raras vezes ou nunca igualmente diferenciadas e, portanto, disponíveis. [...] Via de regra, uma ou outra dessas funções ocupa o primeiro plano e as outras permanecem indiferenciadas no segundo plano.

[...] Assim há muitas pessoas que se deixam determinar exclusivamente pelo que pensam, e não conseguem adaptar-se a uma situação da qual não têm conhecimento intelectual. Tais pessoas eu as denomino tipo pensamento (idem, § 966).

Borges, como referido anteriormente, imagina o Paraíso como uma espécie de biblioteca, procura para elaborar sua vivência com o Aleph uma palavra, e mais adiante neste texto, em seus dados biográficos, ele mesmo se definirá como aquele que expressa suas emoções por meio de fábulas, sempre interessado em desenvolver suas habilidades intelectuais por meio da palavra, matéria do pensamento.

Borges, então, invoca Burton acreditando ser aquele que poderia ajudá-lo a sair dessa vivência de angústia. Burton, simbolicamente personificaria o **herói, o psicopompo, Hermes, a figura mercurial no processo alquímico**. Sir Richard Francis Burton – com quem Borges descobriu em sua infância a magia dos encantamentos, a literatura dos gênios aprisionados em lâmpadas, das princesas que se tornavam escravas. A imaginação, os labirintos. Aquele mesmo Sir Richard Francis Burton que traduziu para o inglês os dezessete volumes de *As Mil e uma noites*, o *Kama Sutra*, *Os Lusíadas*. Um homem que mexe com palavras tanto quanto Borges. Um membro da Via Mística, a que leva ao paraíso. O aventureiro, o diplomata e tradutor. O agente secreto que fala dezenas de línguas e dialetos. O homem que se fez de xiita, persa, derviche, peregrino rumo à Meca. Aquele que inveja Borges por ser o único a ter visto o Aleph (Brandão, 2005, pp. 94-96).

Para a Psicologia Analítica a figura do **herói**, como refere Jung (1986, §251) *é o mais nobre de todos os símbolos da libido [...]*. E ainda:

[...] os heróis freqüentemente são peregrinos: a peregrinação é uma imagem da nostalgia, do anseio nunca aplacado que em parte alguma encontra seu objeto, [...] quer me parecer, contudo, que ele é antes a auto-representação da nostalgia do inconsciente em sua busca insaciada e raramente saciável pela luz da consciência. (§299).

Também segundo Jung (2000):

[...] o ato principal do herói é vencer o monstro da escuridão: a vitória esperada da consciência sobre o inconsciente [...] A tomada de consciência é provavelmente a experiência mais intensa desde tempos primordiais, pois é através dela que se fez o mundo, de cuja existência ninguém antes suspeitava (§284). [...] Nossa consciência desenvolveu-se tanto histórica

como individualmente a partir da escuridão ou estado crepuscular da inconsciência originária (§500). A consciência origina-se de uma psique inconsciente (§502). [...] consciência e inconsciente não constituem uma totalidade, quando um é suprimido e prejudicado pelo outro. Ambos são aspectos da vida [...] O ferro que padece entre ambos é forjado num todo indestrutível, isto é, num *individuum* (§522). [...] denomino '**processo de individuação**' ao desenvolvimento produzido pelo conflito de duas realidades anímicas fundamentais. Para a compreensão do decorrer do percurso e do embate do consciente e inconsciente é da maior importância a simbologia do processo (§523). [...] Os símbolos harmonizam dados conscientes e inconscientes e desta união emergem novas situações ou estados de consciência e esta união dos opostos designei por '**função transcendente**', que possibilita conduzir a personalidade em direção à totalidade (§524).

Segundo Alvarenga (2006), o **herói**, é um estruturante de consciência, sendo uma emergência contínua na vida do ser humano e assim, uma necessidade da psique. O herói tem uma meta, seu movimento é paradoxal: extroverter, introverter, adquirir e incorporar, avançar e recuar, promovendo transformações; é um psicopompo e serve de veículo ao processo de individuação. Herói e façanha se fundem, gerando um nome próprio, tradução de sua natureza essencial.

Para Neumann (2003), no curso do desenvolvimento, o inconsciente é cindido e se torna o mundo pictórico de imagens arquetípicas. A grandeza numinosa do arquétipo é a unidade de grupos arquetípicos de símbolos que a consciência fragmenta. E a façanha do herói é a representação do processo de fragmentação do arquétipo (p.233). A transformação do herói na luta com o dragão é uma transfiguração, trata-se do nascimento de um modo de ser superior da personalidade (p.117). Enfim, o herói é aquele que transfere parte essencial da sua carga de libido inicial para a totalidade da consciência do ego (p.245).

Já Campbell (2002) refere que a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana. Iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo. E, ainda mais, penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que Jung denominou "imagens arquetípicas", sendo esse o processo de discriminação (p.27). Então, o herói é o homem ou mulher que conseguiu vencer as limitações históricas pessoais e locais, alcançando formas normalmente válidas e humanas. Sua segunda tarefa é retornar ao nosso meio transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu (p.28). A partir desse ponto de vista, o herói simboliza aquela divina imagem redentora e criadora, que se encontra escondida em

todos nós e apenas espera ser conhecida e transformada em vida. E assim, a grande façanha do herói é alcançar o conhecimento dessa unidade na multiplicidade e, em seguida, torná-la conhecida. E o efeito da aventura bem-sucedida do herói é a abertura e a liberação do fluxo de vida no corpo do mundo (p.43).

Muitos são os mitos de criação que falam da concomitância de nossa essência divina e terrena, e os heróis são os que nascem dessa conjunção, pois *heróis somos todos nós!* (Alvarenga, 2005). E ainda, segundo a mesma:

O herói é a figura arquetípica que estrutura o processo de 'mentar' (Gregory Bateson, 1986), dando como decorrência a emergência da consciência psíquica. O herói "permeia a vida, preenchendo-a de sentido, sendo o próprio buscar-se" [...] não é a meta, mas a dinâmica do processo em sua gesta de busca incessante. O herói é a figura mítica criadora de imparidades e de possibilidades de humanização, como decorrência de padrões de consciência cada vez mais complexos (Alvarenga, 1999). O preço pago para transpor a instância do ver e do fazer para a instância do conhecer e do saber-se sendo foi traduzido pelo movimento heróico. Para sermos ego, o herói se faz necessário (Alvarenga, 2000) em todas as fases do processo de individuação.

Parece-me que Burton corresponderia a todas essas facetas descritas do **herói**, e Borges dele necessitaria para esta etapa de sua jornada, realizando sua metanóia, em busca de sua inteireza.

Quando se aproxima o fim, já não restam imagens da lembrança; só restam palavras. Palavras, palavras deslocadas e mutiladas, palavras de outros, foi a pobre esmola que lhe deixaram as horas e os séculos (Borges, 1999, OC Vol. 1, p.606).

Todas as palavras do mundo têm uma cópia, Borges sabe disso. Nenhuma se perde. Angustiado, pois desde que ficou cego - desenvolveu um sistema de memorizar, guardar tudo, decorando com facilidade, lembrando-se de coisas em várias línguas - nunca tinha vivenciado tal desespero quanto ao desse esquecimento. Esquecer é outra maneira de ficar cego. Sentia-se muito ansioso, deprimido e paralisado (Brandão, 2005, p. 97).

A Biblioteca de Babel contém todas as palavras: as perdidas, as extraviadas, as arcaicas, as anacrônicas, as que perdem a validade, as não mais usadas, as que não servem para nada, as que estão sendo inventadas, as que serão inventadas (Brandão, 2005, p.99).

Simbolicamente, a Biblioteca de Babel seria uma instância representante do grande **inconsciente coletivo** (*que é tudo, menos um sistema pessoal encapsulado, é objetividade ampla como o mundo e aberta ao mundo* – Jung, 2000, § 46).

A trama da peça, então, se constitui numa jornada heróica de Borges, acompanhado de Burton, Sherazade e Funes (o Memorioso) à Biblioteca de Babel, em busca da tal palavra perfeita esquecida.

Esquecer-se poderia ser um modo de iniciar esta etapa do processo de autoconhecimento, difícil e impossível de ser suprimida: a desidealização do Eu, a saída do estado de inflação, a modificação da auto-imagem de perfeição (criada defensivamente pela psique de Borges?). Ir até Babel seria uma longa viagem (**uma jornada no processo de individuação**): outro universo, cheio de códigos, caminhos para o insondável, para o coração das trevas, *uma natureza caótica e disforme... léguas de insensatas cacofonias, de confusões verbais e incoerências* (Brandão, 2005, p. 59).

Borges aceita o desafio dessa viagem proposta por Burton, a mais importante de sua vida, talvez a última, sua **catábase**, como a ida de **Héracles** aos **Íferos** na realização de sua última tarefa, quando retorna como um outro, um homem novo.

Os companheiros da jornada são personagens que vivem em Babel e podem levar Borges até lá. Além de Burton, os demais acompanhantes são:

1. Funes, o Memorioso - aquele que abriga mais de setenta mil lembranças, quem contém a memória de todas as coisas. Personagem criado por Borges e entrevado ao leito, no final do conto, mas por ser esperto, move-se em cadeira de rodas. Funes ressentia-se com Borges por este ter colocado nele tanta coisa, um homem que vivia de pensar as **memórias** e nenhuma era sua. Quem seria Funes sem as lembranças? Por que teria sido criado e tornado paralítico?

Simbolicamente, Funes seria a personificação da **sombra** de Borges. E, curiosamente, o próprio Borges se vê paralisado nesse momento de angústia, mobilizado pelo esquecimento!

2. Sherazade – personagem feminina promotora em Borges da reflexão sobre o conflito, alerta-o dos perigos, chama-o para escolhas conscientes, trazendo emoções, afetos, memórias de vivências.

Simbolicamente, sua figura de *anima*, *um fator; algo que vive por si mesma e que nos faz viver, uma vida por detrás da consciência* (Jung, 2000, §57).

Poderíamos dizer da **sombra**, esse lado obscuro de nossa personalidade, e como diz Jung (1990), seria o lado mais desagradável de nossa identidade, como também a expressão arquetípica do inconsciente com maior proximidade da consciência, se comparado ao arquétipo da *anima*. Ainda, para Jung, tomar consciência da sombra é a primeira etapa do processo analítico, reconhecendo os aspectos inferiores, obscuros da personalidade, tais como existem na realidade e só possível de se fazer pela **relação com o outro**. É a base indispensável ao auto-conhecimento.

O mero domínio intelectual dessas realidades psíquicas pouco significa, pois o que se conhece são meras palavras e não a substância em si. A função de valor - ou seja, o sentimento - constitui parte integrante da orientação da consciência; a tonalidade afetiva é inerente a todo o processo psíquico. É mediante o “afeto” que o sujeito é envolvido e passa a sentir o peso da realidade (Jung, 1990, § 61). A *anima* traz isso ao **Eu** de Borges, outro encontro tão necessário na jornada quanto o encontro com a *sombra*.

Antes de chegar a Babel, Borges passa pela Galeria Pacífica dos Espelhos, seu primeiro passo para a grande jornada na busca de si mesmo. Chegando a Babel, encontra o Bibliotecário Imperfeito (personagem da trama responsável pela Biblioteca de Babel), a quem responde uma pergunta. *A velha história da esfinge* (Brandão, 2005, p.29)!

Eu que senti o horror dos espelhos  
Não só perante o vidro impenetrável  
Onde acaba e começa, inabitável,  
Um impossível espaço de reflexos [...]  
Hoje, ao fim de tantos e perplexos  
Anos errando sob a vária lua,  
Pergunto-me que acaso da fortuna  
Fez com que eu temesse os espelhos.  
Espelhos de metal, emascarados  
Espelho de caoba que na bruma  
De seu rubro crepúsculo esfuma  
Esse rosto que olha e é olhado,[...]  
O vidro nos espreita. Se entre as quatro

Paredes do quarto existe um espelho,  
Já não estou sozinho. Há outro. Há o reflexo  
Que arma na aurora um sigiloso teatro.[...]  
Deus inventou as noites que se armam  
De sonhos e as formas do espelho  
Para que o homem sinta que é reflexo  
E vaidade. Por isso nos alarmam.

(Borges, 1999, O. C., Vol.2, p.214)

O espelho vê tudo. Só não vê atrás de si (a sombra). Mas na Galeria existiam espelhos que mostravam as costas e, esses precisariam ser evitados. Diante deles, de frente, o que se via eram as costas. Se a pessoa se visse de costas, não haveria saída, ficaria aprisionada no espelho. E a saída era o início da rota para a grande jornada (Brandão, 2005, pp.27-8).

Proponho neste momento algumas considerações sobre o símbolo ‘**espelho**’ tão importante para nós analistas como para a própria jornada de Borges (o cego). Pensar em espelho lembra-me: visão, olho, imagem, representação, reprodução, exemplo, ensinamento, mãe, empatia, sistema de apego, pupila (como espelho d’alma), transparência, limpidez, projeção, reflexão e consciência reflexiva.

Dessas associações destaco, primeiramente, a reflexão. Para von Franz (1997, p. 200), *a experiência humana mais antiga do fenômeno da reflexão talvez tenha sido a superfície da água* e, no sentido psicológico, a água é um dos símbolos mais frequentes do inconsciente. *Vê-se na água a própria sombra, o duplo, a imagem da alma solta diante de si* (p.201). Nesse contexto não posso deixar de lembrar o mito de Narciso, filho da ninfa Liríope, predestinado a morrer caso se visse a si mesmo, segundo uma profecia oracular quando de seu nascimento. *Narciso cumpre a profecia e “morre” ao se vir refletido no lago. Por não poder se ver, nunca foi olhado por Liríope. As pupilas maternas nunca puderam refletir a imagem do filho. Os olhos da mãe e de Narciso nunca se encontraram* (Souza, 2007, p. 302). Narciso não se sabia Narciso, apaixonou-se por si mesmo, percebido como outro, refletido no lago. Narciso não vive esse momento com uma consciência reflexiva.

No desenvolvimento da personalidade supõem-se de fundamental importância, no primeiro ano de vida da criança, o fenômeno de acolhimento protetor e amoroso do cuidador (mãe ou substituto), garantido pela empatia da figura cuidadora com as demandas da criança. Nesse momento a comunicação se faz pelo olhar e pelo choro. As pupilas maternas dão, pela reflexão, os referenciais necessários para a

iniciação da estruturação do Eu, espelhando atitudes, orientando modos de se estar no mundo.

Esse espelhamento do outro referendando o ser no mundo também ocorre no processo analítico. Nós analistas refletimos as projeções de nossos analisandos. O que vêm a ser essas projeções?

Em von Franz (1997, pp. 9-12), segundo Jung: projeção é *a transferência, imperceptível e involuntária, de um fato psíquico e subjetivo para um objeto exterior* (p.10). Jung qualifica de projeção um fenômeno psicológico verificável no cotidiano de todos os humanos em suas relações. Em nossas concepções acerca de outras pessoas e situações, como de nós mesmos também, estamos *sujeitos a erros frequentes de julgamentos que podem, ou às vezes precisam e devem, ser modificados posteriormente, mediante uma melhor compreensão* (p.10). As concepções equivocadas são motivadas por nossos complexos e, podem falsear a percepção da realidade por meio de projeções de características positivas ou negativas armazenadas em nós.

Em muitos momentos do processo analítico constela-se no campo, por exemplo, o símbolo **Mãe**. Não se pode pensar em mãe sem seu par polar filho, constituintes dos complexos maternos tanto do cliente como do analista. Hipoteticamente, recebo no consultório uma jovem adolescente cuja mãe faleceu quando tinha cinco anos. Em muitos momentos, essa jovem projetará em mim vivências passadas ou desejos do não vivido com a mãe falecida. A empatia com os afetos da cliente, num primeiro momento, permitem-me uma identificação com o arquétipo da Grande Mãe. Posso complementar o par desempenhando a função da mãe da cliente. Em um segundo tempo, essa identificação deve ser por mim, como analista, discriminada para não atuar o papel de sua mãe, por exemplo, tendo eu perdido uma filha num acidente (identificação projetiva). Refletir para a cliente essas minhas percepções de suas projeções, elaborando o símbolo dela, no tempo adequado, cuidadosamente, contribuem para a cliente poder recolher suas projeções tornando sua identidade mais inteira, após conscientizar-se de suas dores, demandas, expectativas, etc. Caso não consiga discriminar a projeção e receba-a concretamente na minha pessoalidade, desempenharei o papel de mãe da cliente com todos os percalços desses equívocos e, a cliente, por sua vez, cristalizar-se-á como a filha, não desenvolvendo o papel de mãe de si mesma, necessário ao seu auto-conhecimento e inteireza de sua personalidade. Para se executar essa tarefa há de se exercer com uma consciência

reflexiva, considerando-se reflexão como o movimento de duas vezes fletir-se, voltar-se para si mesmo.

*Por que persistes, incessante espelho?  
Por que repetes, misterioso irmão,  
O menor movimento de minha mão?  
Por que na sombra o súbito reflexo?  
És o outro eu sobre o qual fala o grego  
E desde sempre espreitas. Na brunidura  
Da água incerta ou do cristal que dura  
Me buscas e é inútil estar cego.  
O fato de não te ver e saber-te  
Te agrega horror, coisa de magia que ousas  
Multiplicar a cifra dessas coisas  
Que somos e que abarcam nossa sorte.  
Quando eu estiver morto, copiarás outro  
E depois outro, e outro, e outro...*

(Borges, 1999, O.C. Vol. 2, p. 550)

Retomando a jornada de Borges, passada a porta para a Galeria dos Espelhos, a realidade mudaria. Não haveria mais cotidiano, a idade desapareceria e também a cegueira. As portas lembravam mistérios e achá-las, segundo Burton, seria o maior desafio de Borges, por ele ser cego. Borges diz nunca ter lamentado sua cegueira; tinha sua visão interior. Foi aos poucos perdendo sua acuidade visual e, com vagar, saboreou a chegada da noite, acostumando-se a sua cegueira como um doente acostumasse, naturalmente, a viver com sua moléstia crônica (Brandão, 2005, p. 30).

Na Galeria dos Espelhos, após passar a porta, Borges voltaria a ser cego e no espelho final, se sua imagem de frente fosse multiplicada numa janela, teria sido aprovado. Se fosse de costas, seria o não. Os espelhos poderiam trapacear e conduzi-lo por rotas erradas. Conduzido à rota falsa, seria a prova de que Borges não existe mais (Brandão, 2005, p. 30 e 32).

Em Brandão (2005, p.100), Borges diz para Burton antes de entrar na Galeria dos Espelhos: *É que me lembro de minha juventude, quando era um homem triste, melancólico que tendia a dramatizar tudo.*

No **processo analítico** também existe esse risco de ser conduzido por rotas falsas, pela trapaça do espelho. Pensaria nesse risco diretamente proporcional ao grau de discriminação e conhecimento do próprio analista com relação a si mesmo. Eis um dos motivos de se dar importância à formação do psicoterapeuta. O analista deve

estar com seus complexos, pelo menos, mapeados, para atentar para as possíveis ciladas armadas nos encontros com seus clientes. Não conseguir discriminar suas identificações projetivas, tomar como ofensa pessoal uma projeção negativa ou envaidecer-se com as projeções positivas, decidir o ‘melhor’ para o cliente, achar saber o melhor para o cliente crer e fazer, etc., a meu ver, são os pré-requisitos das tais ciladas. Essa discriminação pode ser feita quando o analista supervisiona seus casos, como também, com auxílio de seu próprio processo analítico, para seu autoconhecimento. Um analista que se sabe e, portanto, é mais inteiro, sem dúvida contribui de modo mais límpido com o processo de individuação de seus clientes. Apenas a vivência ensina o que é um vaso analítico, o tempo de cozimento, a intensidade do fogo, a necessidade de banho-maria, a solidificação ou o congelamento da matéria-prima apresentada pelo analisando. A inexperiência pode trazer a pressa, queimar e calcinar o material simbólico do cliente e, muitas vezes, impedir a própria ocorrência do processo analítico. São modos de sair da rota, perdendo-se da jornada.

Borges pergunta-se: o que buscava ? (Brandão, 2005, p.32).

Simbolicamente, entenderia esse momento como Borges concluindo: **estou, então, em busca de mim mesmo?** Seu processo de autoconhecimento para poder tornar-se quem é, a **individuação**.

Borges, como Édipo, confrontaria o enigma da Esfinge ao chegar a porta de Babel e, ali também constataria, juntamente com o Bibliotecário Imperfeito, estar atrás de seu *Nome Secreto* – tradução de sua natureza essencial - (Brandão, 2005, p. 37) , como aquele recebido pelos heróis após a realização de seus ritos de passagem. Borges, diferentemente de Édipo, tem a consciência reflexiva que lhe permite responder à Esfinge com inteireza. Édipo não se conscientiza de sua busca de si mesmo e cumpre o destino trágico professado pelo oráculo (*Self*), sendo, portanto, um maldito que carrega inconscientemente a *hamarthyia* de sua guenos (Alvarenga, 2009 no prelo).

*Quando menino, eu temia que o espelho  
me mostrasse outro rosto ou uma cega  
máscara impessoal que ocultaria  
algo na certa atroz.*

(Borges, in Brandão, 2005, p.108)

*A nadie se lo dice; el niño es tímido.*<sup>4</sup>

(Borges, 2004, p.193)

*Yo temo ahora que el espejo encierre  
el verdadero rostro de mi alma,  
lastimada de sombras y de culpas,  
el que Dios ve y acaso ven los hombres.*<sup>5</sup>

(Borges, 2004, p. 193)

Retomando a brincadeira do fantasiar, essa passagem me faz pensar em como teria sido o espelhamento inicial de Borges, na sua timidez, nos seus medos e inseguranças, demonstrando uma fragilidade egóica, uma ferida narcísica, um modo infantil de olhar para o **outro**, sentindo-se ameaçado, cobrado. E, questiono-me do por quê de sua necessidade da idealização do Eu.

Em sua biografia, em site na Internet, relatam: *até no ato de nascer foi original: nasceu de oito meses. O médico que o assistiu declarou - não se sabe se por cortesia tranquilizadora ou por experiência profissional - que essas crianças costumavam ser talentosas. Viu a luz do dia em 24 de Agosto de 1899, na casa de sua avó materna, na cidade de Buenos Aires. O pai, com uma doença nos olhos, vivia uma inquietude compreensível e quando lhe mostraram o filho observou atentamente os seus olhos. Nesse momento tinha-os azuis, como os de sua mulher, e murmurou: "Está salvo". A doença não o afetaria como a ele. Mas enganou-se. A sexta geração também estava condenada à cegueira. Dentro de casa, nunca chamou aos seus progenitores papá e mamã, mas sempre Pai e Mãe e eles sempre o trataram por Georgie. Eram palavras que consagravam um clima de solenidade, distanciamento geracional, respeito e carinho, soavam de forma mais nobre e decente e tinham um sabor a tempo antigo.*

Bilíngüe desde a sua infância, aprendeu a ler em inglês antes que em castelhano, por influência de sua avó materna de origem inglesa. Aos seis anos disse a seu pai que queria ser escritor e aos sete escreveu, em inglês, um resumo de literatura grega. Aos oito, inspirado num episódio de Dom Quixote, fez seu primeiro conto: *La Visera Fatal*. Aos nove anos, traduziu do inglês *O Príncipe Feliz* de Oscar Wilde.

---

<sup>4</sup> A ninguém se diz; o menino é tímido.

<sup>5</sup> Eu temo agora que o espelho confine o verdadeiro rosto de minha alma, lastimada de sombras e culpas, o que Deus vê e por acaso vêem os homens.

*Iba con mi padre, de noche [a la Biblioteca]. Mi padre, que era profesor de psicología, pedía algún libro de Bergson o de William James, que eran sus autores preferidos, [...] Yo, demasiado tímido para pedir un libro, buscaba algun volumen de la Enciclopedia Britannica [...]. Tomaba un volumen al azar, lo sacaba de los anaqueles laterales, y leía.*<sup>6</sup>

(Borges, 2004, p.277)

Borges mudou-se muitas vezes, primeiramente com a família para Genebra em 1914, e depois, morou em várias cidades européias, retornando a Buenos Aires em 1921.

Lima (1999), um estudioso da psique de deficientes visuais, relata a dificuldade do portador de deficiência visual em adaptar-se às suas peculiaridades para tornar-se um ser social e capaz de interagir com seu meio. O autor critica nossa cultura de exclusão social onde o deficiente é considerado improdutivo e por isso não serve, tendo, portanto, muitos problemas para se inserir no mercado de trabalho. *A deficiência é como uma camisa de força que pode levar à somatização, gerando doenças físicas e psíquicas* (p.20). *As fixações e as cristalizações dos aspectos nocivos no deficiente se tornam, muitas vezes, em uma maneira usada por este para se relacionar* (p.22). Refere ainda, em seus estudos duas situações relacionais frequentes: pela deficiência, sociedade e família oferecem uma proteção extremada aos portadores, em uma ativação negativa do complexo materno, levando o deficiente a uma dependência extrema de todas as pessoas à sua volta e tornando-se um indivíduo que se acha incapaz e improdutivo. Um complexo de inferioridade. A outra situação manifesta-se de modo oposto: para compensar a deficiência, o indivíduo sente uma necessidade de tornar-se o melhor, um ser superior em determinados aspectos (p.97).

Essas psicodinâmicas descritas acima, claramente, podem ocorrer com qualquer ser, mesmo com aqueles sem nenhuma deficiência física concreta. Mas, poderíamos supor essas vivências ocorrendo com Borges. A expectativa de seu pai cego, já anunciada com a descrição de seu nascimento, de que o filho não fosse afetado pela maldição familiar, isto é, a cegueira, bem como a superproteção recebida de sua mãe, descrita até o momento da morte dela. Poderíamos também imaginar as frustrações e culpas vividas pelo pai de Borges, por deixar-lhe a herança da cegueira. As mudanças frequentes de cidades dificultando talvez os vínculos mais estáveis. E, a par disso, a

---

<sup>6</sup> Ia com meu pai [à Biblioteca], à noite. Meu pai, que era professor de psicologia, pedia algum livro de Bergson ou William James, que eram seus autores preferidos. [...] Eu, demasiado tímido para pedir um livro, procurava algum volume da Enciclopédia Britânica [...], escolhia um volume ao acaso, pegava-o das prateleiras laterais e os lia.

auto-exigência do próprio Borges para consigo mesmo, descrita em sua biografia desde sua infância. Sem dúvida, esses são elementos vitais para formação dos complexos de Borges, determinando suas atitudes, crenças, valores, auto-imagem, enfim, seu ‘ser’ no mundo.

*No que se refere ao amor, o caso mais quente do escritor argentino foi com Estela Canto. Ele conta em sua biografia que a pediu em casamento. Moderna e liberada para a época, Estela respondeu: “Eu aceitaria, Georgie, mas não podemos casar sem antes dormirmos juntos”. Borges ficou assustado e desapareceu. Aos 50 anos, o escritor já havia perdido parcialmente a visão. Com o passar dos anos, quando a cegueira se fez completa, sua mãe, Leonor, passou a cuidar dele, lendo e escrevendo o que ditava. Em 1967, Borges casou-se com uma amiga de infância, Elsa Astete. O casamento durou três anos e acabou com Borges fugindo de casa, sem coragem para discutir a separação. Sua mãe, Leonor, morreu em 1975, aos 97 anos. Seu segundo casamento foi com a sua ex-aluna Maria Kodama que se tornou sua secretária particular em 1981. Kodama era de origem japonesa e tornou-se a herdeira de seus direitos autorais.*

Em Brandão (2005, p.29), quando Borges decidiu partir para sua jornada, Alicia (representação de Maria Kodama) não o acompanha por considerar a viagem só de Borges. E, então, eles se despedem. Alicia se recorda de uma fala de Borges sobre as despedidas: *Quando nos despedimos estamos mais com uma pessoa do que costumamos estar normalmente. A despedida é o momento mais intenso de uma relação.*

Poderíamos imaginar quantas despedidas, com tantas mudanças de cidades, Borges vivenciou. Como seria sua elaboração dessas perdas... e ganhos?

Ainda segundo Lima (1999), o deficiente visual não pode confiar na visão para envolver-se amorosamente e, então, usa outros sentidos (olfato, audição, tato); a intuição surge também como auxiliar na escolha do parceiro (p.107). Mas a paixão é cega para qualquer um!

Poderíamos supor as dificuldades de Borges com o feminino e, pensar numa constelação do arquétipo *puer*, tanto contribuindo para sua criatividade e possível desapego, por conta de suas andanças pelo mundo, como também contribuindo para seus contratempos nos vínculos amorosos.

Um *puer* ligado amorosamente a Mãe.

Segundo Von Franz (1995) o complexo materno é básico para nossos sentimentos mais permanentes e intratáveis. Nesse sentido a mãe é, como diz Jung, destino (p. 164).[...] Os mitos do herói mostram que o desenvolvimento da masculinidade parece ser um movimento contra o complexo materno. [...] O acesso aos próprios sentimentos e o uso da própria função sentimento são a demonstração dessa liberdade (p. 170). O complexo materno inibe lealdades e apegos; põem questões referentes à confiança numa fórmula de dependência e traição (p. 172). Não podemos esquecer que o sentimento seria a função inferior da consciência de Borges.

Essa ligação pode ser perigosa! Depois que o puer perde as ilusões e o romantismo da juventude existe sempre o perigo de ele adotar uma atitude completamente única em relação às mulheres, à vida, ao trabalho em geral e ao dinheiro. Tornam-se céticos diante de tudo. [...] não conseguem conceber a possibilidade de enfrentar a dura realidade da vida e ao mesmo tempo conservar seus ideais (Von Franz, 1992, p.181). E, ainda, ele (o puer) cometeu o pecado de não viver, mas é o típico homem que, por causa do complexo materno, tem uma atitude superior e asséptica em relação à vida, que acha que pode pairar acima de tudo, mantendo a pureza e a inocência ilusórias (idem, p.190). [...] O complexo materno é combinado com um tipo de racionalidade forte [...] isso simplesmente significa que certos jovens, dominados pela mãe, fogem para o reino do intelecto (idem, p.192). O que poderíamos associar a hipertrofia da função pensamento de Borges, já comentada anteriormente.

Segundo Jung, o filho devoto de uma mãe toda dadivosa não poderia amar assim a mais ninguém, senão a estaria traindo. Jung (2000, § 162) considera essas criaturas destinadas a comportamentos defensivos do tipo: o *donjuanismo*, a *homossexualidade* ou a *depressão e impotência*. Se associarmos as emoções ao feminino, apesar de muitas outras possibilidades de associações diferentes como sugere Hillman (1995) em seu livro *Anima*, Borges parece estabelecer um contato íntimo com essa porção de si, por meio de suas poesias; é por meio das *palavras* seu contato com suas emoções. Novamente a indicação de uma consciência predominantemente exercida pelo pensamento. O feminino (*anima*) possibilitaria uma gama de expressões muito mais rica na interação com a outra, isto é, um feminino concreto do outro – uma mulher.

Borges diz: *Não criei personagens. Tudo o que escrevo é autobiográfico. Porém, não expresso minhas emoções diretamente, mas por meio de*

*fábulas e símbolos. Nunca fiz confissões. Mas cada página que escrevi teve origem em minha emoção* (Internet - Da Página 3 Pedagogia & Comunicação – UOL).

Ganhou muitos prêmios e chegou a ser indicado ao Prêmio Nobel, mas não o recebeu, pois este foi dado a Gabriel Garcia Márquez. E na época, em entrevista, comenta Borges: *como Homero, não escrevo para as academias ou para os prêmios, mas dito e filtro as palavras para a memória do tempo e o ouvido interno, que não admitem falsas notas*. De acordo com o repórter, Borges ainda responde *dissimulando uma suprema modéstia*:

- *A inteligência dos europeus demonstra-se pelo fato de nunca me terem dado o Prêmio Nobel [...] E sabe por quê?![...] Não existe um escritor mais aborrecido do que eu. É um grande equívoco que as pessoas me leiam, porque nem eu próprio não gosto do que escrevo e por isso nem sequer me leio [...] Nunca me li. Tudo o que escrevi, tudo, não passa de rascunhos... rascunhos!... papéis soltos... Não compreendo as pessoas. E por exemplo nesta biblioteca que vê aí, não tenho livros meus... Para quê?*

([http://www2.fcsh.unl.pt/borgesjorgeluis/vida\\_borgesjorgeluis/vida.htm](http://www2.fcsh.unl.pt/borgesjorgeluis/vida_borgesjorgeluis/vida.htm))

A *dissimulada suprema modéstia*, como refere o repórter da entrevista acima, poderia ser, na realidade, a expressão da arrogância de quem carrega um complexo de inferioridade/onipotência: supõe estar expressando-se com humildade, quando realmente o faz, defensivamente, com desprezo e sarcasmo. Como estaria a auto-estima de Borges? Recebeu muitos prêmios por seus escritos, mas parecia não conseguir se apropriar de seu valor. Parecia portador de uma insatisfação crônica consigo mesmo. Talvez seus pais depositassem nele tamanha expectativa, que não lhe fosse permitido, por si mesmo, ser humano, defeituoso, deficiente; apenas, ser perfeito, como sua palavra criada.

Essa situação lembra-me o conto *O Espelho* de Machado de Assis (2008, pp. 27-42), onde o personagem Jacobina decide contar a quatro companheiros, sentados numa mesa de discussão sobre questões de alta transcendência, sobre um caso de sua vida.

Inicia sua fala afirmando não termos uma alma e sim duas: *uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro. A alma exterior pode ser*

*um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. A alma interior atua, quando o sono elimina a necessidade da alma exterior. [...] as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira.*

Conta, então, de quando estava com vinte e cinco anos, era bem pobre e fora nomeado alferes da Guarda Nacional. Sua mãe ficou tão orgulhosa que o chamava: seu alferes. Tantas pessoas ficaram satisfeitas com a nomeação que todo o fardamento foi-lhe dado por amigos.

Ao fazer uma visita a uma tia num sítio distante acaba ficando absolutamente só na casa por dias e, passa a sentir-se como *um defunto, um sonâmbulo, um boneco mecânico* (p.38). A tia havia lhe presenteado com a melhor peça da casa: um antigo espelho grande, herança de família, colocado em seu quarto. Desde que ficara só na casa, movido por um impulso inconsciente, não olhara uma só vez para o espelho, *com receio de achar-se um e dois naquela casa solitária* (p.40).

No fim de oito dias deu-lhe *na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de acharem-se dois. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não lhe estampava a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. Teve medo e recuou [...] Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-se da farda de alferes. [...] Vestiu-se com ela e o vidro reproduziu então a figura integral, [...] era ele mesmo, o alferes, que achava, enfim, sua alma exterior. Essa alma, ausente com a dona do sítio, ei-la recolhida no espelho. [...] Não era mais um autômato, era um ente animado* (p.41). Daí em diante, foi outro.

Esse conto, no meu entender, demonstraria a importância do outro na formação da identidade e da auto-estima; situações essas, talvez, vividas por Borges no decorrer de sua infância e adolescência. Como se seus escritos fossem sua farda de alferes; Borges, ao se encontrar com sua alma exterior, perder-se-ia da interior. E quando não recebe o Nobel, condena-se a perder também sua alma exterior, por não ter o reconhecimento do Outro, depositado em sua “farda de alferes”.

Em 1983, Borges publicou no diário *La Nación* de Buenos Aires o relato "Agosto 25, 1983", em que profetizava seu suicídio. Perguntado depois porque

não havia se suicidado na data anunciada, respondeu: *Por covardia*. Borges faleceu em Genebra, no ano de 1986, de câncer de fígado.

Borges foi ficando cego aos poucos e termina como seu pai:

*El mundo del ciego no es la noche que la gente supone. En todo caso estoy hablando en mi nombre y en nombre de mi padre y de mi abuela, que murieron ciegos; ciegos, sonrientes y valerosos, como yo también espero morir. Se heredan muchas cosas (la ceguera, por ejemplo), pero no se hereda el valor. Sé que fueron valientes.*<sup>7</sup>

(Borges, 2004, p. 276).

Fuks (2007, p. 30) apresenta Borges relembando sua infância:

*Gostaria de ter sido outro, num sítio mais distante, a nadar no rio, o rio menos imóvel, a infância mais barrosa. Quem sabe com outra infância, com outra juventude, poderia ter sido um homem de ações, como meus antepassados, não alguém dado as covardes palavras. Mas não, não foi, e agora toda essa infância se rende a ser transmutada em arte, a ser tema de poesia.*

*[...] yo no quiero seguir siendo Jorge Luis Borges, yo quiero ser otra persona. Espero que mi muerte sea total, espero morir em cuerpo y alma.*<sup>8</sup>

(Borges, 2003, p.172)

Voltando a Galeria Pacífica dos Espelhos, Borges é orientado por Funes e acaba saindo da Galeria. Uma cena tensa, onde Borges pensa em desistir da jornada ( e quantas vezes não passamos por isso em nossas vidas?), perde-se por alguns momentos, mas Funes o recupera e ele sai vitorioso.

Pensaria esta passagem como a expressão simbólica do confronto com a sombra. A cena é a seguinte: Burton orienta Borges a entrar no quadro *Fiords* do pintor Xul e diz que o esperaria do outro lado; então, Funes entra em cena, chamando por Borges.

*Funes – Borges, Borges!*

*Borges – Funes, é você?*

*F. – Por aqui! Vem! Agora, você tem que passar pelos espelhos.*

---

<sup>7</sup>O mundo do cego não é a noite que as pessoas supõem. Em todo caso, estou falando em meu nome e em nome do meu pai e minha avó, que morreram cegos; cegos, sorridentes e valorosos, como eu também espero morrer. Herdam-se muitas coisas (a cegueira, por exemplo), mas não se herda a coragem. Sei que foram valentes.

<sup>8</sup> [...] eu não quero seguir sendo Jorge Luis Borges, eu quero ser outra pessoa. Espero que minha morte seja total, espero morrer em corpo e alma.

B. – *Eu não vejo. Para onde?*

F. – *Na direção de minha voz.*

B. – *Não vale a pena. Vá você, Funes! Volta para a Biblioteca e leva os outros com você. Não quero mais ir a lugar nenhum. Não quero enfrentar os espelhos.*

F. – *O que deu em você? Vem! Continua! Agora não tem mais jeito. Olhe à sua volta. O que você vê? Procure a saída.*

B. – *Há quantos anos não vejo nada? Está bem, vamos lá. Caminhemos. Continue falando, seguirei sua voz. Os espelhos ainda estão aí?*

F. – *Todos, centenas.*

B. – *Ouçá, nunca te perguntei uma coisa. Se você me responder, disser sim, nem precisamos continuar. Por acaso não te falei da palavra?*

F. – *Da palavra? Que palavra? A que você perdeu? (Faz breve pausa, provoca suspense, como se soubesse.) Não!*

B. – *Pensei que você pudesse ter guardado em algum lugar, dentro de você... Foi só uma esperança. Uma breve esperança.*

F. (irado) – *Você colocou tanta coisa dentro de minha memória, que não cabe mais nada. Pensa que é fácil? Já imaginou o peso de um homem que só vive das memórias que carrega? E nenhuma delas é minha! O que fez das MINHAS memórias, “senhor” Borges? Quem sou eu sem lembrança nenhuma? Por que me criou? (Dá um berro.) Não! Assim você está passando pelos espelhos errados. Ai! Chegou. Um pouco mais para o meio! Isso!*

B. – *Todos estão me mostrando de frente?*

F. – *Todos... não! Espere, pare! ... Espere aí!*

B. (se assusta) – *O que é que foi?*

F. – *Naquele ali você está de costas. Volta para trás.*

B. – *De costas! Não é possível! Não, não posso estar de costas!*

F. – *Volta! Volta! O que estou dizendo! Volta. Pronto, caramba!!! Você me irrita! E sou obrigado a te acompanhar! Volta, depressa!*

B. – *O que foi agora?*

F. – *Sua imagem sumiu!*

B. – *Sumiu, como?*

F. – *Antes do último espelho você estava de costas. Estava, sim! Foi a última vez que te vi e agora você sumiu.*

B. – *Não entendo o que aconteceu. Se apareci de costas significa ter de voltar para casa e fracassar na busca de minha palavra? Acabar tudo!*

F. – *Voltar como, se você não está mais aqui? Nem sua imagem, nem você. Não está em parte alguma. Será que vocês não ficaram dentro de um dos espelhos?*

B. – *Sempre tive medo dos espelhos. Medo de que minha imagem neles fizesse coisas que eu não faria.*

F. – *Pronto, encontrei! Agora sim!*

B. – *Me encontrou? Que alívio! Onde é que eu estava?*

F. – *Desfocado. Eu tinha perdido a sintonia do espelho. Já está tudo bem. Agora só mais uns passos... Mais dois espelhos... Assim, vá em frente... Acabou...*

B. – *Acabou? E...? E...? Diga logo, fui aprovado?*

F. (irritado) – *Foi! Foi aprovado! Passou! Agora, se acalme!*

B. – *Que alívio! Passei.* (Brandão, 2005, pp.33-5).

Segundo Jung (1987, § 293): *A parte doente (sombria) não pode ser simplesmente eliminada, como se fosse um corpo estranho, sem o risco de destruir ao mesmo tempo algo de essencial que deveria continuar vivo.* E, curiosamente é Funes (simbolicamente, a personificação da sombra de Borges) e não Burton (o herói) que o salva, iniciando a rota para Babel, como disse anteriormente, citando Jung, encontro-confronto necessário ao auto-conhecimento, possibilitando a integração de partes projetadas (por isso, jogo de imagens nos espelhos), desagradáveis e/ou desconhecidas de si mesmo: o parálítico, cheio de memórias, sem vivências.

Sherazade alerta Borges de que Babel (expressão do **inconsciente coletivo e também a memória** de todas as palavras) tinha montado defesas e Borges deveria acreditar muito em sua busca, pois ela tinha medo dele não a realizar bem. As palavras ficam assustadas quando caem em mãos ineficazes e, quando se defendem,

usam tudo, criando resistências, inventando artimanhas, truques, seres, exércitos, que viviam de todos os livros e textos de todo o mundo (Brandão, 2005, p.36).

Poderíamos pensar nessa reação armada por Babel como uma expressão da racionalização, como um mecanismo de defesa de uma psique que se exerce predominantemente pela função pensamento. Também como Édipo, Borges é um decifrador de enigmas e, nesse momento, encontra-se ameaçado por um enigma maior: quem é ele, Borges?

Sherazade acha o esquecimento de Borges (**sintoma** – esquecer, vivido com angústia e depressão) **uma proteção**: a palavra perfeita poderia ter sido capturada, pois os humanos talvez não pudessem acessá-la, por não saberem usá-la devidamente. Ela acha também que a palavra tinha escapado de Babel para Borges e, para poder recuperá-la, Babel a eliminou de sua memória.

Se entendo Borges no seu processo de busca de si-mesmo, o sintoma-esquecimento, expressaria um chamado do *Self* e o estaria protegendo de manter-se em seu estado de inflação e unilateralidade.

Após passar pela Galeria dos Espelhos, Borges se recorda de *um projeto da Academia de Línguas onde pretendiam abolir completamente as palavras, porque ao serem pronunciadas, diminuía, por corrosão os pulmões e contribuía para o encurtamento da vida das pessoas* (Brandão, 2005, p.112).

Poderíamos pensar esse projeto da Academia de Línguas como uma crítica à **pós-modernidade** líquida de Bauman (2005, p. 31), caracterizada pela liquidez das relações, falta de compromisso com o discurso e marcada por uma profunda ansiedade. As pessoas conversam por meio dos computadores com todas as partes do mundo e nunca se vêem, inventam personalidades, *surfam nas redes* eletrônicas, estabelecendo interações virtuais com *um sentimento de nós* ilusório. Essas relações nas comunidades virtuais, nos *sites* de encontros amorosos, com pessoas não reais mantidas só por meio das **palavras** são fáceis de entrar e também de abandonar, basta apertar a tecla *delete*.

E o projeto da Academia, ainda propunha que sendo as palavras apenas nomes para as coisas, seria conveniente que os homens trouxessem consigo as coisas de que precisassem ao discorrer sobre um assunto, ou seja, as pessoas carregariam nas costas fardos imensos, mesmo para dizer coisas curtas.

Simbolicamente, também esse projeto poderia sugerir uma **ação compensatória** para a hipertrofia da **função pensamento**, conduzindo a outro modo de

se relacionar, além da palavra. Também implicaria a reflexão de falar o essencial, opondo quantidade a qualidade.

Babel impediria o projeto da Academia de Línguas de ir adiante com a ajuda **das mulheres, revoltadas com a impossibilidade de conversar!**

Todavia, a ajuda das mulheres poderia estar expressando a emergência de um alerta anímico para essa situação vivida na nossa cultura ocidental capitalista, cujos valores encontram-se muito apartados do princípio feminino, regente das relações afetivas, amorosas, entre as pessoas. E, em Borges, esse feminino (*anima*) também estaria dissociado.

Após a Galeria dos Espelhos, Borges chega ao Deserto e encontra Cartógrafos em **busca da perfeição**, em uma discussão interminável já há mais de dois mil anos: expressam, dessa forma, estarem aprisionados a este critério, com o que não terminam sua tarefa eterna! Simbolicamente, poderíamos entender esse comportamento obsessivo-compulsivo (discussão interminável) como a necessidade de controle egóico, ameaçado pelas **transformações promovidas pelo inconsciente**.

Então, Borges passa pelo Recanto das Perguntas Não Respondidas (as eternas **dúvidas**, sem respostas, os **mistérios**) e, depois, pela Planície das Recordações que Trazem Recordações das Recordações (**memória**). Juntamente com o Deserto dos Cartógrafos (**desejo de perfeição**) e a Galeria dos Espelhos, o Recanto das Perguntas Não Respondidas e a Planície das Recordações constituiriam-se como instâncias do **inconsciente** de Borges.

Jung (1990, § 4) refere-se à totalidade dos conteúdos inconscientes, apontando para a possibilidade de três diferentes grupos:

1. conteúdos temporariamente subliminares, voluntariamente reproduzíveis;
2. conteúdos que não podem ser voluntariamente reproduzíveis;
3. conteúdos totalmente incapazes de se tornar conscientes.

Poderíamos traçar um paralelo entre esses conteúdos e os cenários teatrais citados acima, sendo o Recanto das Perguntas Não Respondidas equivalente aos conteúdos de número três; a Planície das Recordações ao número um; e finalmente ao

número dois, equivaleria tanto a Galeria dos Espelhos, como o Deserto dos Cartógrafos (materiais inconscientes projetados e desejos compulsivos). A Galeria dos Espelhos como representação simbólica da possibilidade de encontro com a sombra, implica a presença do Outro em quem, num primeiro momento, possa se projetá-la, para depois recolher esses conteúdos sombrios; já o Deserto dos cartógrafos, simbolicamente, seria um complexo autônomo que busca obsessivamente a perfeição; e como referido acima no texto, Jung considera como característico para a autonomia do complexo a inconsciência dele, pelo menos num primeiro momento; sendo necessária a ajuda do outro também, para que se possa percebê-lo.

Esses cenários com frequência decoram nossos consultórios e nossas vidas.

Finalmente, Borges chega a Biblioteca de Babel (**inconsciente coletivo, Si-mesmo ou Self**), ou o reflexo do mundo dos espelhos, onde foi buscar apenas uma pequena palavra de **oito** letras. Pela simbologia do oito e, por tudo dito até o momento sobre a palavra perfeita, eu poderia entendê-la como a possibilidade de vivenciar a **totalidade**. Nesse momento, Borges já sabe que está em busca de si mesmo e não mais da idéia da perfeição criada por seu complexo de onipotência ou expressão simbólica do *Self*.

Em Babel, Borges descobre a possibilidade de uma brecha na abóboda celeste, uma fissura na estrutura, que deixou a palavra se soltar e penetrar em sua mente ('raio' divino de **criatividade**). A palavra saiu para ele por meio do Aleph (**contato com o numinoso**). Borges viu o que não devia ver, não podia ver.

O Bibliotecário Imperfeito refere que a palavra perfeita pertenceria a Deus (**Self**) e ter esta palavra implicaria compreendê-lo, acabando com o **mistério**, com o indecifrável (Brandão, 2005, p. 67).

A Biblioteca de Babel decidiu mandar Funes (a **sombra**) com a missão de apanhar a palavra e jogá-la no fundo de sua memória de onde não mais poderia ser recuperada. Funes traiu o criador. Um amigo dissimulado. Mas quem cria quem?

Funes foi denunciado na presença de Borges (o embate final); reage dizendo ter acreditado, por alguns momentos, poder viver por ele mesmo, não estando mais preso à história de Borges. Simbolicamente, poderíamos entender como a sombra (**complexo autônomo**) assumindo o comando no lugar do ego.

Na verdade, Funes salvou Borges quando o conduziu na Galeria dos Espelhos. Tinha muitos Funes dentro de si, todos os esboços e projetos, tentativas que Borges escreveu até completá-lo. Buscou no fundo de si o mais próximo do verdadeiro e colocou-o em cena. Talvez essa faceta mais verdadeira seja *o broto que quer crescer até tornar-se finalmente capaz de desempenhar o seu papel dentro da totalidade da alma* (Jung, 1987, § 293). Funes conta a armação para ter substituído Borges por seu duplo na Galeria dos Espelhos, o que não ocorreu porque Borges era cego e, assim, seu duplo ficou aprisionado no espelho, fazendo o verdadeiro Borges prosseguir a jornada.

A cegueira (**sintoma corporal**) protegeu a estrutura egóica, ou dito de outro modo, os símbolos não compreendidos do ponto de vista psíquico, utilizam o corpo como via de elaboração simbólica – a dimensão do corpo como estruturante simbólico da psique (Vargas, 2002, p. 30). Também dando asas à imaginação, talvez a cegueira possibilitasse a Borges perceber a hora de deixar de ler, de pôr para dentro (**introjeção**) e viver uma enantiodromia, escrevendo suas próprias idéias, pondo-as para fora (**projeção**)!

*[...]Cuando comprobé que ahí estaban los libros, que tenía que preguntar a mis amigos el nombre de ellos, recordé una frase de Rudolf Steiner en su libro de antroposofía. Dijo que cuando algo concluye, debemos pensar que algo comienza. El consejo es saludable, pero es de difícil ejecución, ya que sabemos lo que perdemos, no lo que ganaremos (p.279). [...]Había reemplazado el mundo visible por el mundo auditivo(p.280) [...] Ser ciego tiene sus ventajas. Yo le debo a la sombra algunos dones: le debo el anglosajón, mi escaso conocimiento del islandés, el goce de tantas líneas, de tantos versos, de tantos poemas, y de haber escrito otro libro, titulado con cierta falsedad, con cierta jactancia, **Elogio de la sombra** (p. 281) - (Borges, 2004).<sup>9</sup>*

Borges, então enfrentaria sua última tarefa: achar a porta certa entre as dez mil portas existentes, onde conheceria ou reconheceria sua palavra. Borges posta-se em frente à porta que **pensa, intui, sente e percebe** como sendo sua (**funções da consciência**, todas juntas, em ação, e não mais submetidas apenas ao pensamento),

---

<sup>9</sup>Quando comprovei que aí estavam os livros, que teria que perguntar a meus amigos seus nomes, recordei-me de uma frase de Rudolf Steiner em seu livro de Antroposofia. Disse que quando algo se concluí, devemos pensar que algo começa. O conselho é saudável, porém difícil de executar, já que sabemos o que perdemos, mas não o que ganharemos (p.279). [...] Havia substituído o mundo visível pelo mundo audível (p.280).[...] Ser cego tem suas vantagens. Eu devo à sombra alguns dons: devo-lhe o anglosaxão, meu escasso conhecimento do islandês, a apreciação de tantas linhas, de tantos versos, de tantos poemas, e de ter escrito outro livro, entitulado com certa falsidade, com certa jactância, Elogio da Sombra (p.281).

penetrando no último enigma: encontra-se dentro do Aleph (Cosmos – Universo - numinoso), “*um dos pontos do espaço que contêm todos os pontos*” (Borges, 1999, OC Vol. 1, p.686).

Borges iniciou a viagem em busca do Aleph (encontro com o *Self*, o processo do *religare*), após visualizá-lo pela primeira vez, mais de uma década antes de ficar cego. Toda a vida caminhou imaginando estar procurando a palavra perfeita, esquecida. Não era uma palavra. Era o todo, era tudo, o infinito, a eternidade, onde Borges e o duplo são o mesmo (Brandão, 2005, p.76).

Simbolicamente pensaria na expressão da transcendência dos opostos, a integração **eu-sombra** que possibilitaria a vivência de totalidade. A **totalidade de seu ser**.

[...] Cada uno de nosotros puede ser una copia temporal y mortal del arquetipo de hombre. [...] Luego ese absoluto quiere manifestarse, y se manifiesta en el tiempo. El tiempo es la imagen de la eternidad (Borges, 2003, p.204).<sup>10</sup>

[...]El tiempo es sucesivo porque habiendo salido de lo eterno quiere volver a lo eterno. Es decir, la idea de futuro corresponde a nuestro anhelo de volver al principio. Dios ha creado el mundo; todo el mundo, todo el universo de las criaturas, quiere volver a ese manantial eterno que es intemporal, [...] Y eso ya quedaría en el ímpetu vital. [...] El presente es tan inasible como el punto. Porque si lo imaginamos sin extensión, no existe; tenemos que imaginar que el presente aparente vendría a ser un poco el pasado y un poco el porvenir. [...] En nuestra experiencia, el tiempo corresponde siempre al río de Heráclito [...] somos algo cambiante y algo permanente, [...] el presente no se detiene. [...] Somos algo esencialmente misterioso. [...] Ése es el problema que nunca podremos resolver: el problema de la identidad cambiante. [...] Decimos: “La planta crece.” No queremos decir con esto que una planta chica deba ser reemplazada por una más grande. Queremos decir que esa planta se convierte en otra cosa. Es decir, la idea de la permanencia en lo fugaz. [...] La verdad es que morimos cada día y que nacemos cada día. ¿Quién soy yo? ¿Quién es cada uno de nosotros? ¿Quiénes somos? Quizá lo sepamos alguna vez. Quizá no. Pero mientras tanto, como dijo San Agustín, *mi alma arde porque quiero saberlo*.(Borges, 2003, pp. 204-5).<sup>11</sup>

<sup>10</sup>[...] Cada um de nós pode ser uma cópia temporal e mortal do arquétipo do homem. Logo este absoluto quer manifestar-se, e se manifesta no tempo. O tempo é a imagem da eternidade.

<sup>11</sup>[...] O tempo é sucessivo porque tendo saído do eterno quer voltar ao eterno. Quer dizer, a idéia de futuro corresponde a nosso anseio de retornar ao princípio. Deus criou o mundo; todo o mundo, todo o universo e as criaturas querem voltar a esse manancial eterno que é intemporal [...] e isso permanece no ímpetu vital. [...] Se imaginamos um ponto sem extensão, assim é o presente, não existe. Temos que imaginar que o presente aparente vem a ser um pouco passado e um pouco do porvir. [...] Em nossa experiência, o tempo corresponde sempre ao rio de Heráclito [...] Somos algo mutável e algo permanente [...] o presente não se detém. [...] Somos algo essencialmente misterioso [...] Esse é o problema que nunca poderemos resolver: o problema da identidade mutável [...] Dizemos: “Uma planta que cresce”. Não

Poderíamos considerar a primeira visualização do Aleph como um **chamado do Self**. Esse momento simbólico de intensa carga energética (contato com o **numinoso**) não podendo ser integrado na estrutura egóica, trouxe a sintomatologia física (a cegueira) para chamar a atenção para a necessidade de buscar-se como luz de si mesmo. A desproporção entre a energia do símbolo e da estrutura egóica traz a cegueira como tentativa de integrar o processo de busca de si mesmo. Borges não enlouquece, mas necessita de um outro chamado para realizar sua **metanóia**, e é acometido pelo esquecimento, vivido com angústia e depressão, motivando-o para esta grande e última jornada.

Assim, dentro do Aleph, pertencendo a ele, como ele, tinha acesso a tudo no mundo, a todos os fatos e circunstâncias. Agora Borges sabia! Ali era o infinito a eternidade, a imortalidade, a resposta (Brandão, 2005, pp. 76-7). O encontro com o todo ( **si-mesmo**).

Para concluir, Borges (2003) nos diz:

[...] diré que creo en la inmortalidad: no en la inmortalidad personal, pero sí en la cósmica. Seguiremos siendo inmortales; más allá de nuestra muerte corporal queda nuestra memoria, y más allá de nuestra memoria quedan nuestros actos, nuestros hechos, nuestras actitudes, toda esa maravillosa parte de la historia universal, aunque no lo sepamos y es mejor que no lo sepamos (p.179).<sup>12</sup>

Para finalizar a “brincadeira”, gostaria que ficasse claro, e por isso, brincadeira de fantasiar, o fato desse Borges, aqui, por mim apresentado, tratar-se do meu Borges, um personagem que foi se criando ao longo da minha jornada, pois o verdadeiro, o Jorge Luis Borges, escritor, cronista, ensaísta e poeta argentino, esse, nunca passou nem perto do meu consultório!

---

queremos dizer que uma planta pequena é substituída por uma planta maior, mas se converte em outra coisa. É a idéia da permanência no fugaz [...] A verdade é que morremos e nascemos cada dia. Quem sou eu? Quem somos nós? Quem somos? Talvez saibamos algum dia, ou não. E como diz Santo Agostinho: *minha alma arde por querer sabê-lo*.

<sup>12</sup>[...] Direi que creo na imortalidade: não na imortalidade pessoal, mas na cósmica. Seguiremos sendo imortais; mais além da nossa morte corporal, resta nossa memória, e mais além da nossa memória, restam nossos atos, nossos feitos, nossas atitudes, toda essa maravilhosa parte da história universal, ainda que não o saibamos e é melhor que não o saibamos.

## IV. MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

*Foi ontem, e é o mesmo que dizermos, foi há mil anos, o tempo não é uma corda que se possa medir nó a nó, o tempo é uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar.*

J. Saramago

Gostaria agora de destacar o símbolo-sintoma ‘esquecimento’, a motivação da jornada de Borges.

E falar em esquecimento, é falar em memória, pois afinal, a memória é aquilo que temos, ou aquilo que perdemos? Para nos lembrarmos do que esquecemos, primeiramente, temos que saber que esquecemos, e depois, o quê esquecemos, até para podermos reconhecer o esquecido que buscávamos.

A memória é uma função muito complexa e atinge categorias psicológicas importantes, como o tempo e o Eu. Como função, ela põe em jogo um conjunto de operações psíquicas complicadas e o seu domínio sobre elas pressupõe esforço, treinamento e exercício. O poder da rememoração é uma conquista, pois antes da difusão da escrita, tanto o passado individual, como a história constituinte do passado coletivo de uma civilização dependiam da tradição puramente oral rememorada (Vernant, 1990, p.136).

Por décadas, os neurocientistas buscam entender como o cérebro ‘produz’ lembranças, pois a capacidade de aprender com experiências anteriores permite adaptarmo-nos a um mundo complexo e em constante mutação. Extrair informações de eventos relevantes e usar esse conhecimento para guiar nossa resposta a situações semelhantes é fundamental para essa adaptação.

O cérebro depende de grandes populações de neurônios atuando de forma coordenada para representar e gravar uma memória a partir das experiências dos organismos. Diversos subconjuntos dessas populações respondem a aspectos diferentes de um acontecimento. Alguns representam informações gerais, outros, abstrações e, outros ainda, características mais específicas; sendo que ocorre uma conversão de impulsos elétricos identificando percepções e conceitos para transformar experiências diárias em memória, conhecimento e, finalmente, comportamento (Tsien, 2008).

Lembramo-nos de algo, as vias neurais são ativadas e, se isso acontece com frequência, o cérebro preserva a informação.

Para melhor compreender os mecanismos mnemônicos, cientistas estudam o funcionamento cerebral de pessoas com disfunções de memória; e estas vão numa escala graduada, dos amnésicos aos hipertímicos.

Novas memórias começam com a excitação temporária das sinapses. Quanto mais uma recordação é acessada, mais as vias neurais correlatas são reativadas e a informação provavelmente transforma-se numa memória de longo-prazo, com a formação de conexões permanentes entre os neurônios.

Segundo esses neurocientistas deixamos de recordar muitas coisas porque, ao longo de sua evolução, o cérebro desenvolveu estratégias para eliminar informações ‘irrelevantes’ ou ‘ultrapassadas’. O chamado ‘esquecimento eficiente’ é crucial para se ter uma memória funcional (Marshall, 2008). Na síndrome de Savant, por exemplo, há uma capacidade impressionante de memória, porém, uma façanha à luz de graves problemas de desenvolvimento: os portadores dessa síndrome são capazes de decorar um catálogo telefônico, mas não conseguem amarrar os fios do sapato, abotoar a camisa ou fazer abstrações (Treffert and Christensen, 2008). Qual a utilidade da retenção dessas informações?

A dinâmica cerebral, apesar dos avanços científicos e tecnológicos, permanece um enigma ainda longe de ser desvendado. Chamam a atenção dos pesquisadores patologias ‘estranhas’, como por exemplo: a incapacidade de distinguir faces (prosopagnosia) ou a impossibilidade de reconhecer como nossas, partes do próprio corpo. Os indivíduos afetados podem ou não apresentar áreas cerebrais lesionadas... Eis a questão!

Na primeira situação, essa inabilidade é descrita em pessoas que, quando afetadas, podem ver o rosto dos outros quase sempre tão bem quanto qualquer outro indivíduo, mas não conseguem retê-lo na memória e reconhecê-lo. Para eles, essa parte do corpo fica isenta de peculiaridades, como se fosse um joelho ou panturrilha: um tipo de ‘cegueira’.

Um rosto conhecido desperta uma emoção ao fim de um longo percurso neuronal. A imagem impressiona a retina e, esta, por sua vez, envia as informações elétricas ao tálamo e depois à área visual do córtex occipital. Então, ocorre a ativação de uma área de reconhecimento dos rostos. A identificação do rosto ativa uma porção da amígdala cerebral responsável pelo acréscimo de um componente

emocional de aversão ou familiaridade. Em algumas situações essa conexão pode estar danificada e o rosto não despertar emoções, impedindo até seu reconhecimento, ou em outras síndromes, promovendo confusão pelo vazio de sentimentos, que tornam a percepção visual fonte de construções persecutórias ou delirantes, como na Síndrome de Capgras (Grüter, 2008).

Do ponto de vista objetivo, material, o cérebro é um órgão extremamente complexo, que se organiza funcionalmente em redes conectadas cujas estruturas são interdependentes para a realização de qualquer atividade psíquica. Desde escutar um som e percebê-lo como uma palavra com sentido, memorizá-lo para repeti-lo quando necessário; ou visualizar uma imagem e adequar um comportamento correspondente em resposta, são situações que pela própria interdependência estrutural e funcional mantêm-se enigmáticas.

A memória como uma função da consciência pode interferir no seu funcionamento afetando a estratégia comportamental de modo amplo. Ela envolve muitas regiões cerebrais e não apenas o córtex, como antes se acreditava; há diferentes tipos de memória e seu armazenamento acontece em diferentes sistemas neurais.

A primeira pessoa a obter uma evidência de que os processos mnemônicos estavam localizados no cérebro foi Wilder Penfield, um neurocirurgião do Montreal Neurological Institute. Penfield explorou a superfície cortical de muitos pacientes, e ocasionalmente ele encontrava, aplicando um estímulo elétrico, uma ‘resposta experiencial’, ou *flashback*, na qual os pacientes descreviam uma recordação coerente de experiências anteriormente vividas (Kandel e cols., 1995).

Apenas algumas regiões corticais apresentavam essa resposta. Seus estudos foram feitos em pacientes epiléticos e foram considerados não totalmente convincentes. Após algum tempo, ele observou pacientes que por diversos motivos perderam essas estruturas (localizadas nas regiões dos lobos temporais, estimuladas nos experimentos anteriores), e apresentavam distúrbios de memória variados: incapacidade de reter eventos novos na memória de longo-prazo, mas mantinham a memória pregressa à perda estrutural, normal; ou, a memória de curto-prazo funcionando adequadamente.

A memória, do ponto de vista neurofisiológico pode ser **implícita** – de qualidade reflexa ou automática; são habilidades sensoriais e motoras não disponíveis à consciência, cuja formação não depende de processos cognitivos, como por exemplo, guiar um carro; ou **explícita** – codifica informações de eventos autobiográficos ou

conhecimentos factuais; depende de processos cognitivos tais como avaliação, comparação e inferência. A memória pode também ser classificada como de longa ou curta duração, e está sujeita a todos os fenômenos que afetam as sinapses: facilitação, potencialização, habituação, etc. Enfim, constitui-se numa função complexa e fundamental para aquisição e armazenamento de referências pessoais, não só possibilitando o autoconhecimento, como a aprendizagem ao longo da vida.

Segundo Jung (1984, § 658) a consciência é condição *sine qua non* da vida psíquica; é a própria alma, uma força vital (§ 663). E, para Hillman (1984), *a memória, como uma faculdade da psique, é aquilo que conduz diretamente à fala da alma (p.151)*.

Quando Freud iniciou sua ‘cura pela fala’, pedia aos seus pacientes para deixarem suas almas falarem sem inibição. Nos primeiros anos, pedia para ficarem de olhos fechados (como cegos!), abandonando o controle voluntário e a compreensão; suas associações, então, conduziam à memória.

*A análise se inicia com a exploração da memória e sua expressão no discurso* (Hillman, 1984, p. 152).

A princípio as memórias coletadas por Freud pareciam simples reminiscências, nada além de um repositório de eventos passados – fundamentalmente traumas infantis.

Por muito tempo as idéias platônicas influenciaram nosso pensamento, ou melhor, ainda exercem influência, sendo assim, a memória, era considerada a verdade, representada por uma impressão na alma como a cunhagem do anel do regente na cera.

Após um exame mais atento, esses fatos se revelaram como fantasias e não vivências concretas. A memória poderia conferir a qualidade de recordação, sem a limitação de tempo e espaço do mundo externo. Freud chamou essa região de *Id*, termo emprestado de Nietzsche (Hillman, 1984, p. 152).

Quando Jung (1995), estudando o teste de associação de palavras, percebeu a disfunção da memória em pacientes supostamente sem lesões estruturais, propôs o entendimento dessa disfunção via interferência afetiva, devido à constelação dos complexos psíquicos. Jung percebeu a *presença do ausente*, um atributo da memória, como refere Platão (in Ricoeur, 2007); isto é, percebeu o oculto –

inconsciente – revelando-se (!) e não uma disfunção da consciência como pensavam outros cientistas da época, envolvidos com o teste de associação de palavras.

Para Platão (in Ricoeur, 2007) a memória implica a representação de uma coisa ausente, um enigma comum entre a memória e a imaginação; sendo a memória relacionada a uma realidade anterior e a imaginação a uma irrealidade. Aristóteles define a memória como a representação de uma coisa anteriormente percebida, vivida ou aprendida; uma imagem na lembrança; a memória é tempo. E diferencia-se do hábito, por esse ser uma experiência anteriormente adquirida, incorporada ao presente, não marcada, não declarada como passado, e implica uma ação; enquanto a memória decorre do passado e se apresenta como representação.

Mais tarde Jung, em *Símbolos da Transformação* (1986, § 38), considera essa memória o lar da nossa primeira personalidade: a mítica, a infantil. Essas fantasias da memória podem ser consideradas o primeiro discurso da alma, segundo Hillman (1984, p.153). A memória passou, então, a ser considerada como o reino da regressão, do ilusório prazer infantil.

Considerando-se essas idéias sobre a memória, facilmente, traça-se um paralelo com o que a psicologia denomina de “mundo interno”, ou os “campos, grutas e cavernas” da memória de Santo Agostinho (1997, livro X, p. 289).

O que hoje chamamos de “inconsciente” e descrevemos por metáforas espaciais, embora saibamos sem limites e sem tempo, aquilo que “contém conteúdos” – imagens, personagens e afetos, agora chamados complexos – e que possui um aspecto coletivo histórico (uma estrutura arquetípica a-histórica) e no centro desconhecido do qual, e em torno do qual, *imago Dei*, fazemos mover todo o resto – este inconsciente, não parece distinto do que foi chamado de memória por Santo Agostinho (Hillman, 1984, p. 154).

Santo Agostinho observou: a memória está *na minha mente e, contudo, muito além de mim e do alcance da minha mente*. E diz: *grande é o poder da memória, um não sei quê de terrificante, oh meu Deus, um complexo profundo e infinito: e tudo isto é o espírito, e tudo isto sou eu. O que sou então, oh meu Deus? Qual é a minha natureza?* (in Hillman, 1984, p. 154). E ainda, para Santo Agostinho (in Ricoeur, 2007) a busca da lembrança é uma das finalidades principais do ato da memória, a saber: lutar contra o esquecimento. A busca do passado se encaixa na tarefa de não esquecer.

O momento da recordação, então, é o do reconhecimento. *O ato concreto por meio do qual reconhecemos o passado no presente é o reconhecimento* (Ricoeur, 2006, p. 137). E a questão da identidade é colocada em cena logo de saída no discurso do reconhecimento.

Não é em minha identidade autêntica que peço para ser reconhecido? E se, por sorte, reconhecerem-me como tal, minha gratidão não será dirigida àqueles que, de uma maneira ou de outra, reconheceram minha identidade ao me reconhecer? Nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou por sua ausência, ou ainda, pela percepção errônea que os outros possuem dela (Ricoeur, 2006).

Para Rousseau (in Ricoeur, 2006):

Assim que um homem foi reconhecido por um outro homem como um Ser sentiente, pensante e semelhante a ele, o desejo ou a necessidade de comunicar-lhe os próprios sentimentos e pensamentos fez com que este procurasse os meios de fazer isso (p.161).

E inspirada pelas Musas, através do canto ou da poesia oral, a memória vai construindo a história da humanidade.

Para o filósofo John Locke (in Ricoeur, 2007, p.96), a memória também é erigida em critério de identidade. E considera que o cerne do problema é a mobilização da memória a serviço da busca, da demanda, da reivindicação de identidade.

Ricoeur (2007, p. 94) alerta para a possibilidade de a memória poder ser manipulada por sua fragilidade, tanto pelo excesso de memória - como abuso de memória - como pela insuficiência de memória - como abuso de esquecimento.

A memória, ainda segundo Ricoeur (2007, p.98), é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. E, mais precisamente, a função seletiva da narrativa oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa, consistindo em uma estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração. Um pacto se estabelece assim entre a rememoração, memorização e comemoração. É a memória que guarda o esquecimento.

O que significa permanecer-se o mesmo ao longo do tempo? E por que o confronto com o outro é percebido como ameaça? A essas questões associa-se a fragilidade da identidade narrativa (Ricoeur, 2007, p. 94).

A memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se podem transferir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, a memória é um modelo de posse privada para todas as vivências do Eu.

O vínculo original da memória com o passado parece residir na memória. Aristóteles e, depois, Santo Agostinho dizem enfaticamente: *memória é o passado*, e esse passado é o das minhas impressões; nesse sentido, esse passado é o meu passado. É por esse traço que a memória garante a continuidade temporal da pessoa, e, por esse viés, sua identidade (Ricoeur, 2007, p.107).

[...] De um lado, as lembranças distribuem-se e se organizam em níveis de sentido, em arquipélagos, eventualmente separados por abismos, de outro modo, a memória continua sendo a capacidade de percorrer, de remontar no tempo, sem que nada, em princípio, proíba prosseguir esse movimento sem solução de continuidade. [...] É na narrativa, principalmente, que se articulam as lembranças no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade. É à memória que está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo, orientação em mão dupla, de trás para frente, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo. É sobre esses traços recolhidos pela experiência comum e a linguagem corriqueira que a tradição do olhar interior se construiu (Ricoeur, 2007, pp. 108).

Sem memórias, como vivenciar uma consciência reflexiva? Qualidade de consciência que Jung (2001) considera como fundamental ao processo de individuação!

A memória, então, como uma faculdade da psique, como diz Hillman, implica uma consideração tanto da consciência como do inconsciente.

Para Jung (1984, §132) o consciente e o inconsciente são dois sistemas que se comportam de modo compensatório ou complementar, pois raramente estão de acordo no que se refere aos seus conteúdos e tendências. Esta falta de paralelismo não seria meramente acidental ou sem propósito. A relação entre esses dois sistemas poderia ser entendida pelos seguintes fatos:

- 1) Conteúdos inconscientes possuem um limiar, e todos os elementos por mais débeis, permanecem no inconsciente;
- 2) O consciente, de natureza determinada e dirigida (qualidade

- adquirida relativamente tarde na história da humanidade) - e de extrema importância por possibilitar o desenvolvimento da ciência, da técnica e da civilização (\* ver abaixo) - exerceria uma inibição sobre todo o material incompatível com a consciência, conseqüentemente, mergulhando no inconsciente;
- 3) A consciência seria um processo momentâneo de adaptação, ao passo que o inconsciente conteria não só todo o material esquecido do passado individual, mas todos os traços funcionais herdados constituintes da estrutura do espírito humano;
  - 4) Com o passar do tempo os conteúdos inconscientes ultrapassando a intensidade limiar, entram no campo luminoso da consciência.

Esta natureza determinada e dirigida da consciência, por sua persistência, regularidade e intencionalidade, apresenta vantagens (já citadas acima \*) e desvantagens, como por exemplo: dificuldade de mudar a direção pré-estabelecida. O material inconsciente é considerado incompatível pela consciência por meio de seu julgamento - parcial e preconcebido, pois se baseia no já conhecido – determinando a direção do caminho escolhido e desejado. Via de regra, o julgamento nunca se baseia no novo (§ 136), desconhecido – possibilitando o enriquecimento do processo dirigido – porque os conteúdos inconscientes estão a priori excluídos da consciência.

Uma característica, então, inevitável do processo dirigido é a unilateralidade; pois a direção implica a escolha de um lado. Esta unilateralidade também se constitui numa vantagem e ao mesmo tempo num inconveniente. Passa a existir uma contraposição igualmente pronunciada no inconsciente.

Esta tensão dos opostos num momento crítico, em conseqüência de uma unilateralidade demasiada, irrompe na consciência, de modo geral, quando é mais importante manter a direção consciente, liberando os conteúdos inconscientes.

O confronto entre esses dois sistemas, na aproximação dos opostos, resulta num terceiro elemento, a função transcendente, promovendo a renovação da personalidade.

A função transcendente possibilitaria a mudança de atitude sem excluir o inconsciente, dando-lhe um sentido construtivo, de significado e finalidade, reajustando a atitude psicológica. Pois, a *participação secreta do inconsciente no processo da vida está presente sempre e em toda parte, sem que seja preciso procurá-la*

(§158). A adaptação reduzida da consciência indica que a energia encontra-se em lugar equivocado, e de modo geral, o estado afetivo (por exemplo, a depressão) é o ponto de partida para se rever esse processo psíquico. A adequação é sempre temporária, pois o fluxo da vida é contínuo. E, ainda segundo Jung (1984) *o homem precisa de dificuldades; elas são necessárias à sua saúde* (§ 143). *A sintomatologia de uma doença é ao mesmo tempo uma tentativa natural de cura* (Jung, 1984, § 312).

A unilateralidade intencional da consciência é uma das situações mais importantes para a manifestação dos complexos indesejáveis.

A consciência, como um órgão de orientação, *não só tem que reconhecer e assumir o mundo exterior através da porta dos sentidos, mas também traduzir a realidade visível criativamente para o mundo dentro de nós* (Jung, 1984, § 342); constitui-se na percepção interior do processo vital objetivo.

O inconsciente retrata um estado de coisas extremamente fluidas, como afirma Jung (1984, §382):

[...] tudo o que eu sei, mas que não estou pensando no momento; tudo aquilo de que um dia eu estava consciente, mas de que atualmente estou esquecido; tudo o que meus sentidos percebem, mas minha mente consciente não considera; tudo o que sinto, penso, recordo, desejo e faço involuntariamente e sem prestar atenção; todas as coisas futuras que se formam dentro de mim e somente mais tarde chegarão à consciência.

53

E quanto ao inconsciente coletivo (§ 729) Jung refere ser:

[...] um poderoso depósito das experiências ancestrais acumuladas ao longo de milhões de anos, o eco dos acontecimentos pré-históricos ao qual cada século acrescenta uma parcela infinitamente pequena de variações e de diferenciações. Seria um depósito do processo cósmico que se espelha na estrutura do cérebro e do sistema nervoso autônomo, constituindo uma espécie de imagem intemporal e eterna do mundo que se contrapõe a nossa visão consciente momentânea.

Esta *presença do ausente* é, então, o que eu consideraria o substrato da memória.

Existem no panteão grego muitas divindades com nomes de funções psíquicas, tais como: *Eros* (amor), *Aidós* (vergonha), *Phóbos* (medo), *Métis* (prudência e inteligência) e também uma divindade chamada *Mnemosýne* ou Memória.

Deusa titã, irmã de Crono, amada por Zeus, com quem se fez mãe das Musas, *Mnemosýne* preside a função poética. Para os gregos a poesia constituía uma das formas típicas de possessão e do delírio divinos, o estado de “*entusiasmo*”, no sentido etimológico (Vernant, 1990, p. 137).

As musas são as cantoras divinas, cujos coros e hinos alegram o coração de Zeus e a todos os imortais, já que sua função principal era presidir ao pensamento sob todas as formas: sabedoria, eloquência, persuasão, história, matemática, astronomia. Musa significa: *fixar o espírito sobre uma idéia, uma arte*. À mesma família etimológica de Musa pertencem: música (o que concerne às Musas) e museu (templo das Musas, local onde elas residem ou onde alguém se adentra nas artes).

Segundo Pausânias (in Vernant, 1990, p.168), as Musas eram em número de três: *Meléte* (exercício), *Mnéme* (memória), e *Aoidé* (canto); enquanto que em Hesíodo (in Brandão, 1991, Vol. 1, p. 203) eram nove: *Calíope* (preside a poesia épica), *Clio* (história), *Polímnia* (retórica), *Euterpe* (música), *Terpsícore* (dança), *Érato* (lírica coral), *Tália* (comédia), *Urânia* (astronomia) e *Melpômene* (tragédia).

O poeta possuído pelas Musas é o intérprete da deusa Memória, como o profeta é o intérprete de Apolo. Aliás, entre a adivinhação e a poesia oral - tal como ela se exercia na idade arcaica, nas confrarias de aedos, de cantores e músicos - há afinidade e interferências.

Aedo e adivinho tem em comum um mesmo dom de “vidência”, privilégio que tiveram que pagar pelo preço de seus olhos. Cegos para a luz, eles vêem o invisível. O deus que os inspira mostra-lhes, em uma espécie de revelação, as realidades que escapam ao olhar humano. Essa dupla visão age em particular sobre partes do tempo inacessíveis às criaturas mortais: o que aconteceu outrora, o que ainda não é (Vernant, 1990, p. 137).

Em Hesíodo (in Vernant, 1990, p.138), Memória canta *tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que será*. Mas ao contrário do adivinho que quase sempre se ocupa com as preocupações referentes ao futuro, o poeta orienta-se para o passado; não o seu passado individual e sim o *tempo antigo*, a idade heróica ou, para além disso, o tempo original (in Vernant, 1990, p. 138). A memória transporta o poeta ao coração dos acontecimentos antigos.

Entre os celtas, o treinamento dos poetas se fazia num quarto de teto baixo, sem janelas, em plena obscuridade, como se fossem cegos (Vernant, 1990, p. 139).

As filhas da deusa Memória encantavam os ouvidos de Zeus cantando histórias: o aparecimento do mundo, a gênese dos deuses e o nascimento da humanidade. Essa é a fonte do presente. A rememoração procura atingir as profundezas do ser, descobrir a realidade primordial da qual saiu o cosmo e que permite compreender o futuro. A História que canta a deusa Memória é um decifrar do invisível, uma evocação do passado que embora não mais exista, faz-nos reviver a ilusão de sua existência. (Vernant, 1990). Posso lembrar-me de um dia em que estava triste, sem, no entanto, sentir a tristeza, ou posso ficar alegre ao lembrar-me de um acontecimento feliz vivido anteriormente.

A memória lança uma ponte entre o mundo dos vivos (o presente) e o do além (passado e futuro) ao qual retorna tudo o que deixou a luz do sol. A deusa Memória concede ao aedo o privilégio de um contato com o outro mundo, revela-lhe um mistério, uma espécie de iniciação.

Entre as várias questões, considero como de fundamental importância no processo de análise (uma ‘espécie de iniciação’), o quê exatamente lembramos e o quê esquecemos, como também, o quê precisamos lembrar e o quê precisamos esquecer e, dessa forma, possibilitar recontarmos nossa his-tória, podendo assim nos reconstruir, transformando-nos!

A identidade de uma determinada pessoa se estende até onde a consciência pode retrospectivamente atingir toda ação ou pensamento passado; é o si mesmo de sempre, tanto agora como antes. O si mesmo executor dessa ação será o mesmo a refletir no presente sobre ela. *A identidade pessoal é uma identidade temporal* (Ricoeur, 2006, p.134). *A identidade pessoal liga-se ao ato de narrar. Aprender a narrar-se é também aprender a narrar a si mesmo de outro modo* (idem, p. 115).

O que analisaria a análise se não houvesse o inconsciente? Como poderia “nos fazerem conscientes”, e como poderíamos “nos tornar conscientes”, se não houvesse o reservatório de material inconsciente que requer estes procedimentos modernos de iluminação? (Hillman, 1984, p. 155)

Desde 1800 o inconsciente era considerado um palácio habitado por deuses pagãos sobreviventes e, outrora, chamado o reino da memória, não necessitando de prova empírica. Atualmente, a existência do inconsciente é demonstrada por seus efeitos perturbadores na consciência: lapsos verbais, esquecimentos indicadores de

complexos nos experimentos de associações, sintomas histéricos, múltiplas personalidades, etc. *Tivemos que adoecer para redescobrir o poder desta faculdade imaginal* (Hillman, 1984, p. 154).

Para Santo Agostinho e os neoplatônicos (in Hillman, 1984) a memória era um vestígio ou traço, na alma de uma pessoa, da divindade, ou um reflexo das imagens e idéias divinas, consideradas plenamente reais e não como meras fantasias. Mas durante o século XIX, essa faculdade da alma foi submetida ao ego racional e à vontade, tornando-se a memória equivalente da inconsciência, uma fantasia imaginal.

Hillman (1984, p.157) advoga abolir-se o termo “inconsciente” como expressão dessa região da alma e reservá-lo a situações de ausência de consciência, como o coma, por exemplo. E mais, talvez os fenômenos do assim chamado inconsciente, que não se adequaram à nossa definição de consciência e, portanto, se tornaram “patológicos” e “in-conscientes”, possam ser mais bem concebidos como as veredas tortuosas para a memória, como caminhos que reconduzem às zonas perdidas da alma, à sua imaginação e sua história.

Em várias situações a perda da alma é uma metáfora para estados depressivos, e por décadas, foi o experimentado quando da perda da memória prolongada; ou, como na psiquiatria positivista, os quadros chamados de *pseudo-demência depressiva*, que cursam com a memória substancialmente afetada, além dos sintomas depressivos.

Ao se considerar o inconsciente um cesto de lixo de sensações não assimiladas, esquecendo-se dos campos e cavernas da memória impessoal, certamente estaremos perdidos de nossas almas (o que talvez, se passasse com Borges) e somente explorando o inconsciente (o que Borges faz em sua jornada à Babel) poderíamos nos devolver o sentido da alma, da vida.

A concepção de que o inconsciente perpassa todo ato mental garante-nos a analogia entre inconsciente e memória. Aristóteles dizia não ser possível ocorrer nenhum processo mental sem as imagens fornecidas pela imaginação, a base da memória. Os *fantasmas imaginais* de Aristóteles e as *reminiscências* dos platônicos estão presentes em todas as atitudes da consciência. O inconsciente está sempre presente, como o passado também está sempre presente.

A arte de recordar, como técnica usada amplamente desde a Antiguidade e a Renascença até Leibniz para o desenvolvimento da memória, é descrita

por Frances Yates em *The Art of Memory* (in Ricoeur, 2007, p. 76; e in Hillman, 1984). Segundo Yates, esta arte agrupava todo o conhecimento humano segundo categorias significativas onde o conteúdo e o sistema referiam-se um ao outro, de modo muito diferente de um dicionário ou enciclopédia, organizados apenas pelos nomes e sua ordem alfabética. Os princípios universais usados por este sistema eram os deuses, os heróis e os temas da mitologia clássica. Estas estruturas pareciam oferecer a amplitude suficiente para abarcar todos os fenômenos da psique. Este ou aquele deus poderia ser associado a um vasto sortimento de paixões, idéias, acontecimentos e objetos, tudo totalmente unido entre si. A configuração arquetípica a que estes detalhes pertenciam conferia-lhes uma inteligibilidade intrínseca. O arquétipo permeava os acontecimentos agrupados e o poder numinoso das figuras divinas conferia a qualquer fato trivial uma carga de valor emocional, mantendo as coisas unidas devido a sua intrínseca pertinência a um significado mítico (in Hillman, 1984, pp. 159-60).

Entre as implicações mais relevantes da obra de Yates está o fato de se considerar a linguagem desse reino imaginal como mais próxima da linguagem das artes, já que a via fundamental de retorno à matriz da memória passa através de suas filhas, as Musas. *Tanto as artes quanto a psique, em seus níveis elementares, falam primeiro a linguagem da Memória* (in Hillman, 1984, p.161).

A memória, então, seria o aspecto interno da consciência e originar-se-ia no transpessoal, mesmo quando se personaliza em nossas vidas e movem nossas personalidades para as encenações míticas.

Jung abriu um novo caminho ao basear sua abordagem nas estruturas arquetípicas do mundo imaginal. *Sua redescoberta da memória como inconsciente coletivo tornou possível uma separação entre inconsciência em sentido restrito (estupor, coma, transe, hábito) e inconsciente no sentido mais antigo de memória* (Hillman, 1984, p.163).

A arte da memória é um trabalho e por isso exige a força de vontade do ego para seu desenvolvimento.

No sonho a alma tem os olhos bem iluminados. É iluminada por um saber profético.  *Talvez o ponto essencial dos sonhos, seja que, noite após noite, ano após ano, eles preparam o ego para a velhice, para a morte e o destino; emergindo-o sempre mais profundamente na memória* (Hillman, 1984, p. 167).

A rememoração do passado promove o ‘esquecimento’ do tempo presente, faz esquecer os males, o cansaço e a angústia do hoje.

Este par **Memória-Esquecimento** há muito tempo está intrinsecamente relacionado, pois eram duas fontes numa das entradas para o Mundo dos Inferos: *Mnemosýne – Léthe* (Vernant, 1990, p. 144).

Na descida ao Hades, ao beber da primeira fonte, o ‘iniciado’ ou ‘buscador da verdade’, esquecia tudo da sua vida humana e como um morto entrava no domínio da Noite. Depois, pela água da segunda fonte (*Mnemosýne*), ele deveria guardar a memória de tudo visto e ouvido no outro mundo. Ao voltar, seu conhecimento não mais se limitava ao momento presente, mas o contato com o além lhe revelara o passado e o futuro, como ocorreu com Odisseu em sua consulta a Tirésias nos Inferos: recebeu a notícia da morte de sua mãe e ficou sabendo de seu retorno à Ítaca, descrito na *Odisseia* (Homero, 2000, canto XI).

Esquecimento era a água da morte, pois sem perder a lembrança e a consciência não se poderia visitar o reino das sombras. E a memória, por sua vez, era a fonte da imortalidade. Aquele que no Hades guarda a memória transcende a condição mortal, o que ocorre com o amaldiçoado Tirésias: *cuja memória sabe discernir, para além do presente, o que está enterrado no mais profundo passado e amadurece em segredo para os tempos a vir* (Vernant, 1990, p. 145).

Vernant (1990) comenta sobre as transformações dos atributos da deusa Memória: após o surgimento das doutrinas de reencarnação das almas e o mito de Her na *República* (Platão, 2001, livro X), a deusa não será mais cantora do passado primordial e da gênese do Cosmo. Daí em diante, ela estará ligada à história mítica dos indivíduos e suas encarnações sucessivas, como a força da qual depende o destino das almas após a morte e, passa a oferecer o meio para se atingir a meta de cada um, no ciclo das gerações.

A partir desta concepção, a vida terrestre traduzida como um lugar de provação e castigo passa a ser expressão simbólica da vivência no Hades, enquanto morada gélida, mundo das sombras e do esquecimento. O exílio da alma acontece realmente quando ela volta à terra para se juntar a um corpo. E a alma será tanto mais “lúcida”, tanto menos “esquecida”, quanto mais puder se liberar dessa união. As águas do *Léthe* não acolhem mais à entrada do Hades, e os que morrem se esquecem da luz do sol. Elas agora apagam a lembrança das verdades eternas que puderam contemplar antes

de voltar à terra, na saída do Hades. A água do Esquecimento passa a ser um símbolo não mais de morte, mas de retorno à vida, à existência no tempo.

A alma que não tomou cuidado ao bebê-la, cheia de esquecimento e maldade, é precipitada uma vez mais sobre a terra onde reina a lei inflexível do devir (Vernant, 1990, p. 147).

A alma, indefinidamente, repete um ciclo de provações das quais, pelo fato de esquecer a cada vez, ela não pode nunca atingir o fim.

Em Platão (2001), o mito da memória passa a integrar uma teoria do conhecimento e aqueles que souberam evitar o *Léthe*, seguindo pelo ‘*bom caminho*’, encontraram a fonte de *Mnemosýne*, elevando-se na escala dos seres e atingindo a condição de herói, de deus; partilham da morada dos outros imortais, livres das inquietudes humanas, escapando ao destino; estes são os adivinhos, poetas, sábios, médicos, condutores de homens sobre a terra. Ainda, estes, após alcançarem a inteligência do todo, sabem que para os mortais não há nem começo nem fim, apenas ciclos de metamorfoses. Em compensação, **Esquecimento** está ligado intimamente ao tempo humano, condição mortal de um fluxo que não se detém.

Segundo Pitágoras (in Vernant, 1990, p. 151) o próprio esforço de rememorar as vidas anteriores seria uma “purificação” justificando as regras de vida ascética, um verdadeiro exercício espiritual. O esforço da memória permitiria ensinar quem somos; conhecer nossa *psyché*, este *dáimon* (princípio divino cuja função é ligar diretamente nosso destino individual à ordem cósmica) que veio encarnar-se em nós.

*Mnemosýne*, então, uma força sobrenatural, interiorizou-se para tornar-se, no homem, a própria faculdade de conhecer e, para Platão, “*saber não é outra coisa senão lembrar-se*” (in Vernant, 1990, p. 161). E ainda, em Platão, o conceito de *anamnesis* (in Ricoeur, 2007, pp.27-48), como recordação, rememoração, isto é, uma busca ativa de algo visto, experimentado ou aprendido, constitui-se na *dimensão cognitiva da memória, seu caráter de saber* (idem, p.43), a procura da própria essência, marcada na alma. O momento da recordação é então o do ‘re-conhecer-se’.

Estou sentindo uma clareza tão grande  
Que me anula como pessoa atual e comum:  
É uma lucidez vazia, como explicar?  
Assim como um cálculo matemático perfeito  
Do qual, no entanto, não se precise.

Estou por assim dizer  
Vendo claramente o vazio.  
E nem entendo aquilo que entendo:  
Pois estou infinitamente maior que eu mesma,  
E não me alcanço.

Além do que:  
Que faço dessa lucidez?  
Sei também que essa minha lucidez  
Pode-se tornar o inferno humano  
Já me aconteceu antes.

Pois sei que  
Em termos de nossa diária  
E permanente acomodação  
Resignada à irreabilidade  
Essa clareza de realidade  
É um risco.

Apagai, pois, minha flama, Deus,  
Porque ela não me serve para viver os dias.  
Ajudai-me a de novo consistir  
Dos modos possíveis.  
Eu consisto,  
Eu consisto,  
Amém.

\*\*\*\* A Lucidez Perigosa (Clarice Lispector)

## IV.a. ESQUECIMENTO E CEGUEIRA SIMBÓLICA

Para engolir-me a lágrima que escorre  
O abismo de teu leito nada iguala;  
O esquecimento por teus lábios fala  
E a água do Letes nos teus lábios corre.  
O meu destino, agora meu delírio,  
Hei de seguir como um predestinado;  
Mártir submisso, ingênuo condenado,  
Cujo fervor atíça o seu martírio,  
C. Baudelaire

Segundo Ricoeur (2007), *de início e maciçamente, é como dano à confiabilidade da memória que o esquecimento é sentido. Dano, fraqueza, lacuna. Sob esse aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento. Porém, ao mesmo tempo, afastamos um espectro de uma memória que nada esqueceria. Haveria, portanto, uma medida no uso da memória humana, um ‘nada em demasia’, lembrando o oráculo de Delfos: Conheça-te a ti mesmo, porém não em demasia. E sob todos os aspectos, o esquecimento não seria, portanto um inimigo da memória. E, a memória deveria negociar com o esquecimento a medida exata de seu equilíbrio* (p. 424).

Temos presente o personagem criado por Borges que nada esquecia, retratado por Funes, o memorioso. O esquecimento é o desafio por excelência oposto à ambição da confiabilidade da memória.

É sempre com perdas que a memória ferida é obrigada a se confrontar. *O que ela não sabe realizar é o trabalho que o teste de realidade lhe impõe: abandonar os investimentos pelos quais a libido continua vinculada ao objeto perdido, até que a perda seja definitivamente interiorizada* (idem, p.93).

Fuks (2007) refere em sua história sobre Borges uma curiosidade da memória: ser feita de sonho e esquecimento. *As pessoas lamentam esquecimentos, até os condenam. Não deveriam. O olvido é parte indissolúvel da memória, seu vago sótão, a outra cara da moeda. [...] Talvez o mais significativo seja o que não recordamos de modo preciso, talvez lembremos o mais importante de uma maneira inconsciente, talvez valha mais aquilo que nos habita do que aquilo que habitamos* (p. 30).

Retomando novamente a idéia de Borges de que o **Esquecimento** é outro modo de se estar **cego**, gostaria de propor uma reflexão sobre: que cegueira é esta?

Para Borges (2004):

[...] la ceguera es un modo de vida, un modo de vida que no es enteramente desdichado (p.284). [...] todo hombre deve pensar que cuanto le ocurre es un instrumento; todas las cosas le han sido dadas para un fin [...] Todo lo que le pasa, incluso las humillaciones, los bochornos, las desventuras, todo eso le ha sido dado como arcilla, como material para su arte; tiene que aprovecharlo. [...] Esas cosas nos fueron dadas para que las transmutemos, para que hagamos de la miserable circunstancia de nuestra vida, cosas eternas o que aspiren a serlo. Si el ciego piensa así, está salvado. La ceguera es un don. [...] Además, el ciego se siente rodeado por el cariño de todos. La gente siempre siente buena voluntad para un ciego (p. 285).<sup>13</sup>

Também para Borges (2004) há uma evidente amizade entre a cegueira e a poesia e cita entre alguns: Homero (se é que existiu!), Milton, James Joyce, entre outros poetas cegos, como os aedos inspirados por Mnemosýne.

Para Chevalier e Gheerbrant (1990) ser cego

*[...] significa, para uns, ignorar a realidade das coisas, negar as evidências e, portanto, ser doido, lunático, irresponsável. Para outros, o cego é aquele que ignora a aparência enganadora do mundo e graças a isso, tem o privilégio de conhecer sua realidade secreta, profunda e proibida ao comum dos mortais. O cego participa do divino, é o inspirado, o poeta, o vidente. [...] Também é freqüente representar-se a cegueira nos velhos: ela simboliza, então, a sabedoria do ancião. Os adivinhos são geralmente cegos, como se fosse preciso ter os olhos fechados à luz física a fim de perceber a luz divina (p.218).*

Lima (1999) simbolicamente refere sobre a cegueira: *o fato de perder a visão é confrontar-se com a escuridão e com suas próprias características de personalidade, tanto as virtudes quanto os defeitos. E os velhos sábios já puderam olhar para sua própria essência, já confrontaram o lado sombrio da alma (p. 75).*

---

<sup>13</sup> [...] A cegueira é um modo de vida, um modo de vida que não é inteiramente infeliz (p.284). [...] Todo homem deve pensar que o que lhe ocorre é um instrumento; todas as coisas lhe são dadas para um fim [...] Tudo o que lhe ocorre, inclusive as humilhações, as vergonhas, as desventuras, tudo isso lhe é dado como argila, como material para sua arte; tem-se que aproveitar. [...] Essas coisas nos foram dadas para que as transmutemos, para que façamos da miserável circunstância de nossa vida, coisas eternas ou que aspirem a sê-las. Se o cego pensa assim, está salvo. A cegueira é um dom. [...] Além do mais, o cego se sente rodeado pelo carinho de todos. As pessoas sempre tem boa vontade para com os cegos (p. 285).

Em função da complexidade do tema vamos iniciá-lo por um ponto, o ‘**ponto cego**’, a denominação anatômica da região da retina – neuroepitélio que reveste internamente o globo ocular – onde se encontram os prolongamentos dos axônios das células fotossensíveis. Esses prolongamentos convergem então para a papila óptica e vão formar o nervo óptico. Tal nervo, por sua vez, é o responsável por conduzir as informações visuais ao Sistema Nervoso Central. Como não existem fotorreceptores nessa área, por ela não se enxerga e, por isso é chamada de ponto cego (Machado, 1983, pp. 246-251).

Sua importância clínica é muito grande, pelo fato de não só, ser o local por onde trafega a informação visual, como por ser por onde penetram os vasos sanguíneos nutridores da retina. Então, é o ponto cego que nos permite enxergar.

Do ponto de vista simbólico, constitui-se em mais um dos paradoxos do ser humano: pela existência do ponto cego é que a visão torna-se possível.

Como o tendão de Aquiles – o ponto vulnerável por onde a morte alcança esse grande herói da Guerra de Tróia – outra estrutura anatômica que todos nós carregamos no corpo, também todos nós temos nosso ponto cego. Simbolicamente, são estruturas constituintes da natureza humana, isto é, cada qual carrega em si seu ponto vulnerável e sua cegueira.

Porém, no paradoxo, é exatamente pela existência dessas estruturas que podemos nos possibilitar a aquisição da consciência psíquica desses fenômenos humanos: a **cegueira** e a **morte simbólicas**.

Ao longo da existência de todos nós, desde que nascemos, nossas vias neurais visuais vão sendo preparadas para a visão tornar-se possível. Intra-útero não enxergamos e quando nossas mães nos dão à luz, passamos, com vagar, a poder vê-la e discriminá-la. A luz pode ser entendida simbolicamente como a consciência, que também sai das trevas do inconsciente e aos poucos vai se ampliando e diferenciando num crescente. Mas um ponto permanece cego sempre, e por ele, através dele, é que podemos ver o Outro, o mundo ao nosso redor.

Se ao nascer formos privados de estímulos luminosos, nossas vias neurais visuais não se desenvolvem e acabamos cegos. Portanto, o meio que nos recebe quando somos paridos é fundamental para o desenvolvimento adequado dessa função: a visão, ou simbolicamente, a consciência psíquica, forjadora de nossa realidade psíquica.

É na interação com o outro que me é possível enxergar objetivamente o mundo externo e, subjetiva e simbolicamente, o mundo interno, ou melhor, eu mesma. Mas o ponto cego permanece.

*A priori*, desconheço-me como também ao outro. Na relação estabelece-se a possibilidade da visão do outro e de mim, ou melhor, a ‘ecto-’ e a ‘intra-’ visão.

*Longo é o caminho para o homem que ‘age e sofre’ até o reconhecimento daquilo que ele é em verdade, um homem ‘capaz’ de certas realizações. Esse reconhecimento de si ainda requer, em cada etapa, a ajuda de outrem, pois é esse reconhecimento mútuo, plenamente recíproco que fará de cada um dos parceiros um ser-reconhecido (Ricoeur, 2006, p.33).*

Em *Histórias de Literatura e Cegueira (Borges, João Cabral e Joyce)*, Fuks (2007) refere que *as pessoas concebem o cego como alguém encerrado em um mundo negro; não sabem que essa é uma das cores das quais [o cego] mais sente falta (p.23)*. O mesmo autor escreve sobre a cegueira de Borges: *o vermelho e o negro são as cores que mais lhe faltam, restando-lhe de consolo o amarelo apático, o insosso, que ao menos continua permitindo alguma adoração do ouro dos tigres. [...] a única cor que lhe seguiu sendo precisa, que nunca lhe abandonou. [...] O verde e o azul se revelam sem exatidão; cores indefinidas que emergem de um mundo indefinido, imerso por sua vez em uma neblina cinzenta, que lhe usurpa também o branco (p. 24)*.

Jung (2000) escreve sobre o simbolismo da mandala, quanto às cores, ao interpretar uma das imagens:

[...] A cor da estrela é azul e, portanto fria. O sol que irrompe é amarelo e vermelho, portanto cores quentes. O próprio sol significa em geral consciência ou iluminação e compreensão. [...] (O racionalismo não garante de forma alguma uma consciência superior, mas tão-só unilateral!) O novo estado se caracteriza pelo vermelho do **sentimento** e pelo amarelo da **intuição**. [...] pela inclusão da intuição surge a modo de um pressentimento uma apreensão irracional da totalidade (§ 697).

Simbolicamente, por essa associação de Jung entre as cores e as funções de consciência, pensaria em Borges como uma pessoa de função pensamento predominante e tendo a intuição como primeira função auxiliar. Essa tipologia aproxima-o de dois personagens da mítica grega (retomarei mais adiante) de suprema

relevância ao nosso tema: Tirésias e Édipo, ambos cegos e, também, como Borges, decifradores de enigmas, pensadores e intuitivos.

Há também a cegueira branca de Saramago (1995) que segundo Bernardi (2008) é a cegueira mais ligada a *albedo* na alquimia; é também uma *inconsciência de nossas faltas éticas, de nossas faltas de caráter; uma cegueira causada por um excesso de luz*.

Bernardi (2008) ainda refere:

[...] não conseguimos ver o que há de real e verdadeiro em uma determinada situação ou contexto se somos inconscientes de alguma coisa [...] Por maior que seja nossa consciência, ainda somos inconscientes de muitas coisas. [...] O desenvolvimento de uma consciência especializada, o estilo de consciência de nossa cultura, leva há um desequilíbrio de tarefas. Grande parte de nossos interesses concentram-se no progresso e conquistas num fluxo desenvolvimentista. Trabalhamos demais, consumimos demais. Estamos anestesiados diante dos efeitos colaterais desse modelo de desenvolvimento. Deixamos de lado vivências psíquicas importantíssimas para nosso equilíbrio anímico. O resultado é o surgimento de uma disposição neurótica, de uma desunião do ser humano.

E, citando Jung, Bernardi (2008) refere: *A deusa Razão é quem nos domina e parece que ela não é capaz de ver tudo*. Afirma ainda: *por isso, talvez a cegueira descrita por Saramago seja branca, a mesma cor da consciência racional identificada com a luz, por isso não a vemos; é a inconsciência dos valores brancos (puros, éticos), das áreas tornadas invisíveis devido à inflação de nossa consciência*.

Saramago (1995), ao longo de toda sua trama, apresenta a personagem feminina - a esposa do oftalmologista, a única imune à cegueira - como uma mediadora, que guia a todos e facilita a vida dos ‘cegos’ em seu mal-branco; aquela que encarna a figura de *anima*, como Sherazade para Borges, sua guia, em sua cegueira de si mesmo.

*A essência do equívoco consiste em não o conhecer* (Pascal, in Ricoeur, 2006, p. 33).

Como citei anteriormente, segundo Jung (1990), nosso livre-arbítrio restringe-se apenas ao campo da consciência, e, portanto, em teoria, somos todos simbolicamente cegos (inconscientes) quanto ao “daqui a pouco”, desconhecendo o que “a vida nos trará na próxima esquina”, mas mesmo assim, fazemos planos para as

próximas quadras. É como um caminhar no labirinto, esse símbolo inevitável da perplexidade, do desconhecido, do inconsciente. Porém, o mais *difícil de encarar, é aquele que cada homem, por sua conta, engendra e forja. O labirinto múltiplo de passos que a vida tece a partir de um dia desconhecido da infância* (Fuks, 2007, p.41).

O que desconheço em mim - o inconsciente - só posso conhecer pela projeção, dando vazão a isso embutido. O Outro, receptáculo da projeção, apresentar-me-á as realidades inconscientes nebulosas por vir. Recolher as projeções significa saber-me; e poder enxergar é perceber o ‘futuro’ anunciado pelo Outro, anteriormente desconhecido, inconsciente, invisível para mim.

Esse inconsciente se expressa também pelos sonhos e/ou sintomas, que anunciam realidades por vir, denunciam o desconhecido, o não sabido ou o esquecido. Tal inconsciente é o Outro de mim. Sendo assim, a presença do Outro (objetivo e subjetivo) é fundamental para o processo de diferenciação e ampliação da consciência.

Se o mito não caracteriza o homem psíquico, então seria preciso negar o ninho ao pardal e o canto ao rouxinol. Temos motivos suficientes para admitir que o homem em geral tem uma profunda aversão ao conhecer alguma coisa a mais sobre si mesmo, e que é aí que se encontra a verdadeira causa de não haver avanço e melhoramento interior, ao contrário do progresso exterior (Jung, 1984, p. 68).

O mito grego, então, apresenta-nos essas duas criaturas: Tirésias e Édipo. Criaturas distintas que se encontram em suas histórias. Simbolicamente, Édipo como mito fundante da psicanálise e, Tirésias como uma possível encarnação do analista. Ambos cegos e decifradores de enigmas (expressão da função mântica), apesar de suas cegueiras terem ocorrido de modos muito diferentes.

Édipo, multiplamente ferido pelos pais biológicos (psiquicamente: pelo abandono, traição, não reconhecimento; e concretamente: pela lesão nos pés, tornando-o um manco), impossibilitado de saber-se, desenvolve-se intelectivamente de modo unilateral. Sai em busca de si mesmo, sem conscientizar-se disto. Vivencia muitas experiências, sem memorizá-las. E, ao final de uma grande tragédia, cega-se fisicamente, passando a enxergar o que até então não podia ver, pois era simbolicamente cego. Após cegar-se, entrega-se a sua filha Antígona, expressão simbólica de sua figura de *anima*, e juntos chegam ao Bosque das Eumênides, em Atenas, onde se torna um velho sábio e vidente.

Há muitas versões para a cegueira de Tirésias. Adivinho de Tebas, desempenhou papel importante na maior parte dos mitos do ciclo tebano. Frequentemente se nos apresenta como velho, longevo, cego e sábio. Descendia por parte de pai de um dos guerreiros que nasceram dos dentes do dragão semeados por Cadmo, personagem lendário considerado como um dos disseminadores da civilização oriental na Grécia Central. Entre as versões que procuram explicar a razão pela qual Tirésias perdeu a capacidade de enxergar: segundo Apolodoro, em sua *Biblioteca*, isso foi um castigo por ter ele revelado aos mortais os segredos do Olimpo; em uma outra, contada por Ovídio, em suas *Metamorfoses*, sua cegueira resultara da opinião dada por ele quando de uma discussão entre Zeus e Hera, ou ainda, numa terceira, Calímaco, em *Himnos*, atribuía à cegueira de Tirésias ao fato de ter visto o que não devia (como Borges com sua experiência com o *Aleph*): Atená, acompanhada de sua mãe – a ninfa Cáriclo - banharem-se na fonte Hipocrene (Guerra e cols., 2005).

Quanto a essa última hipótese, conta-se que Tirésias, em sua juventude, vira, por acaso, a deusa se banhando. Furiosa, esta o privou da visão, porém, mais tarde, a pedido de Cáriclo, concedeu-lhe, como compensação: dons divinatórios extraordinários; deu-lhe um bordão mágico, que o guiava como se tivesse olhos; purificou-lhe os ouvidos, para que pudesse compreender e interpretar o canto e o som do vôo dos pássaros, e por fim, prometeu-lhe, que após sua morte, ele conservaria intactos não apenas suas faculdades intelectuais, mas também seus dons divinatórios (Brandão, 1992). Tirésias ainda podia praticar a *iatromancia* (arte adivinatória possuidora da capacidade de salvar a cidade de pestes), a *empiromancia* (adivinhação pelo fogo), a *libanomancia* (adivinhação pelas cinzas dos incensos), a *astronomancia* (adivinhação pela influência dos planetas) e a *oniromancia* (interpretação de sonhos) (Guerra e cols., 2005).

Tirésias residia na cidade de Tebas, e a adivinhação era uma atividade ou profissão familiar. Após sua morte, ele transmitiu seus dons divinatórios às suas filhas Dafne e Manto - e esta última, por sua vez, transmitiu o dom ao seu filho com Apolo, Mopso (Guerra e cols., 2005). Em seu nome próprio, *Tirésias*, a profissão de adivinho já aparece inclusa pois, etimologicamente, vincula-se a *terás*: “*senal enviado pelos deuses, prodígio*” de onde se origina o antropônimo “o que interpreta os sinais” enviados pelos deuses, “adivinho, profeta” (Brandão, 1992, p. 451).

São muitas as histórias que circulam a seu respeito, entre elas, dizem que predisse a morte dos sete chefes de uma infeliz expedição contra Tebas e dez

anos depois aconselhou os tebanos a entrar em negociações com os epígonos (cada um dos filhos dos chefes mortos na expedição anterior). Não se sabe se escapou dos invasores ou se foi levado por eles como cativo. Outra versão para sua morte seria de que enviado com a filha pelos invasores para Delfos (o que nos lembra Édipo acompanhado por Antígona, em sua jornada final, como também Borges e Sherazade), a fim de consagrarem Apolo, seu deus protetor, teria falecido fatigado pela longa caminhada, antes de chegar ao seu destino (Brandão, 1992).

Alguns afirmam que ele viveu cerca de sete, oito, e até nove vezes a idade normal de um ser humano, período durante o qual foi sucessivamente homem e mulher. Sobre isso, conta-se que certa vez, ao atingir a adolescência, época de ‘provas’ de caráter iniciático, ao escalar o monte Citerão (montanha situada na região central da Ática, consagrada antigamente ao deus Dioniso e às musas), encontrou um casal de cobras venenosas copulando, e ambas se voltaram contra ele. Tirésias matou a fêmea, e imediatamente se transformou em mulher. Sete anos mais tarde, tendo ultrapassado a efebria, subiu novamente ao monte e presenciou cena idêntica, matando dessa vez a serpente macho, e se transformou novamente em homem.

Por seu conhecimento sobre as particularidades dos dois sexos foi chamado para opinar sobre quem estava com a razão em uma discussão que envolvia Zeus e Hera, a respeito de quem teria mais prazer na relação sexual, se o homem ou a mulher. Viu-se, assim, diante da difícil tarefa de decidir a questão, porque sabia que qualquer que fosse sua decisão, o deus que perdesse ficaria irado com ele: se de um lado Hera dizia que o homem tinha mais prazer, Zeus dizia que era a mulher. Tirésias deu o seu veredicto: “se dividirmos o prazer em dez partes, a mulher fica com nove e o homem com uma”. Hera, furiosa por considerar aquelas palavras de Tirésias como sugestão da superioridade do homem, pois seria ele o causador de tamanho prazer à mulher, cegou-o implacavelmente; mas Zeus, compadecido da situação, concedeu-lhe como compensação o dom de conhecer o futuro, além do privilégio de sobreviver a sete gerações humanas.

Tirésias viria a conhecer a morte de ambos os sexos em si, morrendo para masculino e vivenciando o feminino, depois morrendo para o feminino e vivenciando o masculino. Com isso recebeu uma compreensão mais nobre sobre os pólos opostos habitantes de cada gênero humano e pode, assim, harmonizá-los. Ele representaria a superação da oposição homem/mulher, não só por ter sido ao longo de sua existência um e outro, como também como adivinho pareceria não necessitar

possuir qualidades específicas masculinas nem femininas, ou necessitar de ambas as naturezas. Superou a oposição entre a vidência e a cegueira física, como também as oposições entre vida/morte, céu/terra e divino/humano (Guerra e cols., 2005).

Retomando a proposta de pensar em Tirésias como um modelo para o papel do analista, a superação dessas polaridades é bem vinda e, quanto às respostas dadas às grandes questões, como apresentado no conflito entre Zeus e Hera, talvez seja prudente, antes de qualquer resposta, não se esquecer das possíveis maldições divinas! Teria Tirésias respondido por estar inflado, cometendo assim sua *hýbris*? Risco que nós analistas constantemente corremos! A intensa energia presente nos símbolos apresentados por esses relatos míticos possibilita a quebra do limite, muitas vezes, tñue da estrutura egóica de nós humanos, facilitando a vivência da inflação. E, certamente, podemos esperar a justiça divina (sélfica) em resposta aos nossos descomedimentos: simbolicamente, representada pela paralisação do processo de diferenciação da consciência, ou até a interrupção prematura (morte) do processo analítico.

Há muitos símbolos nessas passagens e pensaria neles como possíveis atributos ou instrumentos participantes de nosso ofício de analista: ser descendente de um dente de dragão; carregar em seu nome próprio, ou sua natureza essencial, a possibilidade de seu ofício; ver ou conhecer o interdito divino; receber um bordão; escalar montanhas; confrontar serpentes e ser masculino e feminino; entender a linguagem do oculto e do sagrado; estar consciente no mundo dos Ínferos e poder ser consultado sobre vivências atemporais alheias.

O dragão é um símbolo ambivalente e segundo Chevalier e Gheerbrant (1990) *é tanto o guardião dos tesouros ocultos, como um símbolo do mal e das tendências demoníacas, a ignorância e a obscuridade* (p.349). [...] *Trata-se de aspectos distintos de um símbolo único: símbolo celeste, poder de vida e manifestação; cospe as águas primordiais ou o ovo do mundo, isto é, uma imagem do Verbo Criador. Associado ao raio (por cuspir fogo) e à fertilidade (por trazer a chuva) simboliza as funções régias e os ritmos da vida, garantindo a ordem e a prosperidade; produz o soma, a bebida da imortalidade, coisa misteriosa e resolução dos contrários* (p.350). *É um símbolo do mercúrio filosfal; e no eixo dos dragões, no tema astrológico, é chamado de eixo do destino: a cabeça do dragão indica o lugar onde se deve construir a sede da existência consciente, opondo-se a cauda que revolve as influências vindas do*

*passado, como também do sombrio ou inconsciente. Essas duas partes do dragão são chamadas também de nós lunares, os pontos nos quais as trajetórias da lua cruzam com o sol (os eclipses)- (p. 352). O sol (expressão simbólica do princípio masculino) e a lua (expressando o princípio feminino) em relação, como a imagem simbólica do Tao.*

O dragão além de conter o elemento fogo, detém uma estreita relação com a terra, e segundo Lima (1999), *o fogo simbolicamente associa-se à função psicológica da intuição, enquanto a terra representaria simbolicamente a função sensação. A função intuição – não sendo uma sensação dos sentidos, nem sentimento ou uma conclusão intelectual, e tendo seus conteúdos apresentados sempre como um todo acabado, sem que saibamos explicar como chegou a existir - serviria como uma ponte entre a consciência e o inconsciente; enquanto a sensação - cujos conteúdos têm caráter de dados, em oposição ao caráter derivado, produzido dos conteúdos do sentimento e do pensamento – teria o alicerce físico como fundamento de sua exatidão.*

Descender do dragão, então, possibilitaria Tirésias, como mercúrio filosófico, ser a ponte entre consciente e inconsciente, transcendendo oposições, ao desenvolver sua função intuição, já presente em sua natureza essencial, características essas de grande auxílio ao analista.

Ver ou conhecer o interdito divino, como ocorreu com Borges e sua vivência com o *Aleph*, e também com Tirésias ao participar dos segredos dos imortais olímpicos, ou casualmente, ao ter visto Atená banhar-se, consideraria um chamado do *Self* para o desenvolvimento do ofício. Vivenciar algo de inusitado, sagrado, transformador, mobilizador de um movimento interno de busca, tanto para o futuro analista quanto para o analisando.

Receber um bordão, que servia como seus olhos, da deusa Atená nua (simbolicamente, o feminino essencial, divino, anímico) - a filha da cabeça do pai, da prudência, a estrategista, expressão da função pensamento, mas mais que isso, da própria consciência reflexiva - daria a Tirésias condições de cego, seguir enxergando o sagrado, o desconhecido, o mistério. O bordão poderia ser equivalente ao cajado de Édipo, enquanto simbolicamente cego; e depois, à Antígona, sua guia, após cegar-se fisicamente; ou também, equivaleria a Sherazade, como guia de Borges. Bordão que nos lembraria o próprio caduceu de Hermes (o psicopompo), o bastão que dosa e equilibra as polaridades opostas.

Tirésias recebe da deusa, juntamente com o bastão, a possibilidade de após sua morte, isto é, quando estivesse nos Inferos, continuar mantendo intactas suas

funções intelectuais, como também os dons divinatórios, sendo como um farol que permite enxergar no escuro. Qualidade essa também muito apropriada ao analista: saber conduzir-se no reino do inconsciente, discriminando os conteúdos ali presentes.

Tirésias é aquele que não perde a memória, mesmo no Hades, mas nem por isso é um deus, pois é um ser mortal! E como é importante uma memória eficiente ao analista: lembrar sonhos, relatos vivenciais de seus analisandos sem confundi-los (como arquivos diferenciados, que se baixam automaticamente na presença do analisando), possibilitando juntos tecerem a rede, com sentidos muitas vezes novos e desconhecidos a ambos.

Escalar montanhas, simbolicamente, representaria a ascensão, a união do céu com a terra, a via que conduz ao sagrado, ao eixo do mundo, à morada dos deuses, às qualidades superiores da alma, à função supra-consciente. Tarefa difícilíssima que se nos apresenta com frequência tanto em nossas vidas como nesse nosso ofício de analista.

A serpente, símbolo ctônico e ambivalente como o dragão, de natureza dupla representando tanto a alma como os instintos, é também muitas vezes comparada à sombra, como natureza procriadora. Também ligada à mântica, detém em si a vida e a morte, retirando o homem do paraíso. Um obstáculo que devemos superar para atingir o sagrado. Para Lima (1999) *Tirésias resgata, pela serpente, o encontro com sua essência feminina, com sua alma, com sua anima. Mergulha no obscuro e oculto de seu inconsciente, rouba o segredo sagrado mergulhando em si mesmo* (p.71). Para Chevalier e Gheerbrant (in Lima, 1999) *a serpente era representada pelos povos primitivos como uma linha, uma linha viva, uma abstração. A linha não tem começo nem fim e basta movimentar-se para ter continuidade* (p. 71). Transcender e integrar a serpente, expressão do sagrado natural material, possibilitaria o processo de diferenciação da condição animal em busca do espírito, do sentido, o desenvolvimento do pensamento simbólico e da própria consciência reflexiva. No encontro com as serpentes, Tirésias teria integrado e transcendido suas naturezas feminina e masculina, vivenciando a não-polaridade, *a totalidade, a androginia primordial*, como Dioniso (ver Souza, in Alvarenga e cols., 2007, p.287).

Estar consciente no mundo dos Ínferos e poder ser consultado sobre as vivências atemporais alheias também seria um atributo do analista, desde que como o ocorrido com Tirésias e Odisseu, o consulente levasse o sangue do carneiro negro como pagamento, possibilitando a consulta, com o fim de saber-se e também do seu próprio

destino. O sangue representaria a energia vital, associada simbolicamente tanto ao sofrimento (pois ter consciência muitas vezes dói!), como ao nascimento e à vida, isto é, o analisando deveria trazer ao vaso sagrado (às sessões) seus conteúdos psíquicos acompanhados de energia disponível para buscar-se em seu processo de individuação, como a ovelha negra, que se diferencia das demais do rebanho (o coletivo), sem o quê o encontro analítico não seria possível.

A cegueira, para finalizar, poderia ainda ser diferenciada em função das dinâmicas de consciência, sendo entendida como parte do próprio dinamismo; porém, o padrão de consciência reflexiva estaria atento para os pontos cegos das demais dinâmicas. Por exemplo, quando se constela um símbolo expressando o arquétipo da Grande Mãe, *o arquétipo dominante da sensualidade, da imagem e do desejo* (Byington, 2006, p. 13), apenas essas características estariam em evidência, havendo empatia e reconhecimento dos atributos sensuais, imagéticos e dos desejos; e, o ponto cego poderia estar relacionado com os elementos visíveis às outras dinâmicas de consciência: *patriarcal, de alteridade e de totalidade* (Byington, 2006). Ao se constelar um símbolo do arquétipo do Pai, *o arquétipo da organização, do poder e da abstração* (idem, p.13), a visibilidade seria apenas desses quesitos e, novamente, o ponto cego estaria relacionado às outras dinâmicas. E assim por diante.

A cegueira - para tornar um pouco mais complexo seu funcionamento simbólico e o relacionamento entre as pessoas - poderia também ser determinada pela tipologia de cada indivíduo, por exemplo: uma pessoa cuja consciência predominantemente elabora suas vivências utilizando-se da função pensamento, poderia estar cega para as outras funções, dependendo da intensidade de sua unilateralidade de consciência e hipertrofia de sua função dominante. Então, por meio desses conceitos teóricos desenvolvidos pela Psicologia Analítica, observa-se a complexidade e dificuldade de compreensão nas relações Eu - Outro, do reconhecimento mútuo entre os indivíduos, enfim, da interação tão necessária ao processo de individuação de cada criatura vivente. Mas, apesar da dificuldade sempre presente, a força para a criação dessa interação parece ainda soberana, pois não estamos todos em guerra e muito se constrói de criativo nessa interação! E o que não dizer da Globalização!!

## V. SENESCÊNCIA

O homem velho deixa a vida e morte para trás  
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais  
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais  
O homem velho é o rei dos animais

A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol  
As linhas do destino nas mãos a mão apagou  
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll  
As coisas migram e ele serve de farol

A carne, a arte arde, a tarde cai  
No abismo das esquinas  
A brisa leve traz o olor fugaz  
Do sexo das meninas

Luz fria, seus cabelos tem tristeza de néon  
Belezas, dores e alegrias passam sem um som  
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron  
E ao seu olhar tudo que é cor muda de tom

Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval  
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal  
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual  
Já tem coragem de saber que é imortal.

\*\*\*\* O Homem Velho (Caetano Veloso)

Por que fazer considerações sobre a senescência neste texto?

Primeiramente, porque Borges, o personagem fio-guia do enredo, encontra-se nessa fase da vida. Depois, porque tanto Édipo como Tirésias, ambos por mim referidos quando já idosos e cegos, seriam expressões simbólicas do arquétipo do velho sábio. E por último, pelo fato de as disfunções de memória estarem frequentemente presentes nessa etapa da vida, muitas vezes tão acentuadamente, sendo consideradas patológicas e constituindo-se em critério diagnóstico para os quadros demenciais; além da mobilização pessoal por vivências, não mais tão alegres, com avós queridos e clientes idosos.

Pela idade cronológica eu não seria considerada como idosa pelas recomendações da Organização Mundial de Saúde, mas talvez já esteja na segunda metade de minha vida. Porém, entendo minha identificação, não só com os relatos

míticos desses personagens, mas também com as vivências de meus clientes e parentes queridos idosos, como o processo de humanização do arquétipo do velho sábio em mim, atualizando minhas polaridades *puer et senex*.

Em muitos encontros ao longo dos meus processos analíticos, em cada percepção de minha própria cegueira, por total desconhecimento de partes de mim mesma, sentia-me como que atingida por um raio de Zeus, que me partia em vários pedaços; ou a própria vivência de Dioniso sendo desmembrado pelos Titãs ao olhar-se no espelho, promovendo na seqüência um movimento de reconstituição das partes com outros sentidos. E a mesma questão se colocava em cada sessão de supervisão, quanto ao que não podia enxergar em meus clientes, a minha cegueira em ação novamente!

A vivência de um ego idealizado defensivamente, acompanhada da *dissimulada suprema modéstia de Borges*, na realidade, a expressão da arrogância de quem carrega um complexo de inferioridade/onipotência, é uma faceta que reconheço em mim. Como a hipertrofia da função pensamento também já me possibilitou experimentar muitos pontos cegos.

Muitas vivências de incompreensão, desentendimentos e desafetos foram clarificadas por esses ‘momentos de iluminação fulgurantes’. E, ainda, quando associadas àquilo que deveria ser esquecido e o que deveria ser lembrado, para a reconstrução de minha própria história, tudo ganhava outro sentido com um colorido afetivo muito diferente.

Os clientes idosos traziam às sessões vivências acompanhadas de muita angústia por aquilo que não conseguiam esquecer, mas o tempo não voltaria mais, e eles não conseguiam se perdoar, ficando paralisados e deprimidos por esse excesso de memória que os torturava. E por outro lado, muitas vezes, tinham muita dificuldade em lembrar-se de vivências agradáveis que poderiam contribuir com seu bem estar naquele momento de grande amargura.

Quanto às experiências pessoais com parentes, especialmente avós, internados em casas de repouso - por quadros demenciais, com prejuízo de suas memórias - perdendo completamente seus referenciais de uma vida toda, nada melhor do que o esquecimento protetor, da ferida do abandono por seus filhos, de quem sempre se ocuparam.

Por essas e outras, é que o tema da cegueira-esquecimento e senescência, tendo Borges como fio guia, mobilizaram-me de modo a seguir neste trabalho.

Entendo a senescência como uma etapa do processo de individuação que mais nos aproxima da finalidade da vida. Uso ‘finalidade’ tanto com o sentido de fim concreto, objetivo de nossa vivência encarnada, realização da única certeza absoluta que podemos ter desde que nascemos; como também, com o sentido último do aprendizado maior ao longo de nossa existência: a vivência da morte, a morte simbólica. Sendo morte entendida aqui como transformação. Mudança de um estado a outro que obrigatoriamente implica saber viver o desapego.

Jung (1986) refere:

[...] O curso natural da vida exige inicialmente do jovem o sacrifício de sua infância e de sua dependência infantil dos pais físicos, para que não permaneça fixado a eles pelo laço do incesto inconsciente, prejudicial para o corpo e alma. [...] Se quiser viver, precisará lutar e sacrificar sua nostalgia do passado, para assim atingir a altura que lhe é própria. E quando atingir a altura do meio-dia, terá de sacrificar também o amor por sua própria altura, pois não lhe é dado parar. [...] As convicções transformam-se em discos gastos, os ideais em hábitos rígidos e o entusiasmo em gesto automático. [...] Se ousarmos alguma vez olhar para dentro, talvez por enérgico esforço de rara honestidade, ao menos para consigo mesmo, poderemos ter uma sensação de necessidades, nostalgias, temores, de contrariedades e coisas obscuras. A razão se afasta, mas a vida quer resvalar para lá. Nosso destino talvez nos resguarde disto porque estamos determinados a nos transformar na coluna imutável que sustenta um edifício. Mas o *daimon* nos faz cair e nos transforma em traidores de nossos ideais e de nossas melhores convicções, até de nós mesmos, tal como pensávamos conhecer-nos. Esta em última análise é a catástrofe, pois ela é um sacrifício não desejado. A situação é outra se o sacrifício é feito voluntariamente. Neste caso ele não significa queda, ‘inversão de todos os valores’, destruição de tudo que outrora era sagrado, mas transformação e preservação. Tudo que é jovem um dia envelhece, toda beleza fenece, todo calor esfria, todo brilho se extingue, e toda verdade se torna vazia e chã. Pois todas essas coisas um dia tomaram forma e todas as formas estão sujeitas à ação do tempo; elas envelhecem, adoecem, desintegram-se – caso não se transformem (§ 553).

E ainda, citando Jung (1984):

[...] Como médico, estou convencido de que é mais higiênico – se assim posso dizer – olhar a morte como uma meta para a qual devemos sempre tender, e que voltar-se contra ela é algo de anormal e doentio que priva a segunda metade da vida de seu objetivo e seu sentido (§ 792).

Para Hillman (2001) o maior desejo da natureza humana é entender o sentido de envelhecermos além da nossa capacidade plena, qual a justificativa e

serventia da velhice. Para ele, a principal patologia da velhice é a nossa idéia da velhice. E ainda, o mesmo autor refere:

A velhice não é acidental. É algo necessário à condição humana, pretendida pela alma. O envelhecimento está embutido em nossa fisiologia; porém, para nossa perplexidade, a vida humana estende-se bem após a fertilidade, e dura mais do que a capacidade muscular e a acuidade sensorial. Por este motivo, precisamos de idéias criativas que possam embelezar a velhice e dirigir-se a ela com a inteligência que ela merece (p. 11).

O fisiologista Cannon na década de 1930 e Nuland na década de 1990 afirmaram que *a fisiologia do corpo sabe o que está fazendo. Existe uma sabedoria em ação. O envelhecimento se torna então uma revelação da sabedoria do corpo* (in Hillman, 2001, p. 38). E ainda, o mesmo autor refere que a finalidade do envelhecimento seria o tempo de lapidar o caráter. Este seria para a velhice o que é o *daimon* para a juventude. Ele dá sentido e propósito às mudanças do envelhecimento.

Não apenas nossa percepção consciente e habitual de nós mesmos, construída no decorrer de nossa vida, está sendo posta à prova, como também nossa psique e nosso corpo são testados de maneira, muitas vezes, dolorosa com o envelhecimento.

O mundo que nos cerca se modifica, antigos cenários desaparecem, velhos amigos partem ou tornam-se estranhos e os papéis familiares se dissolvem, deixando-nos expostos. Os novos padrões dificultam o reconhecimento de nós mesmos, desafiam-nos exigindo muitas mudanças ao nos colocar frente a verdades incompreensíveis, como a morte.

*Envelhecer implicaria em adquirir atitudes capazes de nos levar em direção a consolidar criativamente nosso destino, para forjar um ego, que tolere a verdade* (Prétat, 1997, p. 10).

Pensaria na manifestação patológica do funcionamento da memória – como acontece com qualquer sintoma, tendo possivelmente um propósito – como sendo uma indicação da não aceitação das transformações características dessa etapa da vida, como escreveu Jung (1986), citado acima. *Os sintomas são a primeira tentativa natural de cura*, como escreveu Jung, também já citado anteriormente. Cura, entendido aqui como algo que tenta reencaminhar o indivíduo para seu processo de individuação.

Afinal, lembrar de tudo está além do humano. E, o que é importante lembrar nessa etapa da jornada? O que faz sentido armazenar na memória e, o que necessita ser esquecido?

A alma entra no mundo lentamente, levando todos os anos da infância para adaptar-se e, assim, também, ela deixa o mundo lentamente, necessitando dos anos da velhice para fazer as malas e partir. A velhice seria a preparação para a partida. Diminuí-se o ritmo e se rememoram as coisas, pois há muito que preparar (Hillman, 2001, p. 185).

O final da vida é repleto de repetições e retornos a obsessões básicas. A repetição é uma importante característica da velhice. A geriatria relaciona esse hábito ao enfraquecimento da memória de curto prazo. Por que considerar a repetição uma falha e não um componente da imaginação? A repetição é essencial para a tradição oral, para passar histórias de geração para geração - do mesmo modo que as crianças insistem para que se conte sempre a mesma história e do mesmo modo todas as vezes. O papel do ancestral seria de um mentor às gerações mais jovens, de contador de histórias e experiências, pois tem mais tempo de vida vivida. *Servir como ancestral de uma cultura é ter vencido alguns medos e vergonhas, é conhecer suas obsessões, e, no entanto, ser mais livre delas que os jovens* (Hillman, 2001, p. 141).

O processo intrincado e sutil que lentamente faz de uma alma um ser humano – o conhecimento prático da natureza e da rua, dos sonhos, das habilidades, dos bons modos e dos gostos, e o que aconteceu antes de agora e há muito tempo – exige a informação dos mais velhos, que se dedicam a fins outros que não o funcionamento pragmático. Seus dias de caçar e colher, dar à luz e amamentar, já passaram; no entanto, seus dias continuam porque eles têm deveres igualmente importantes: a cultura (Hillman, 2001, p. 218).

A maior perda natural de neurônios com o envelhecimento ocorre em áreas cerebrais distintas das áreas associadas às funções cognitivas ditas superiores e parece haver um aumento das ramificações dendríticas de neurônios corticais depois da maturidade em idosos saudáveis, fato este, para os neurocientistas, relacionado à fonte da sabedoria do idoso; essas áreas têm um grau menor de desaparecimento celular e estes neurônios, em menor número, aumentam sua atividade (Hillman, 2001).

A geriatria observa que à medida que a memória de curto prazo definha, a de longo prazo melhora, e o idoso passa boa parte do tempo fazendo uma “revisão da vida”, recuperando não apenas as coisas do passado, mas o próprio passado.

A revisão tentaria transformar acontecimentos em experiências, retiraria as emoções e as reuniria em padrões de significado. Quando se recorda, se está a imaginar, mesmo quando o que surge é colocado de volta no tempo (Hillman, 2001).

A memória é mais do que rememorar, é uma caverna, a gruta de Santo Agostinho, cuja entrada para esse lugar se faz pela porta da revisão da vida. Ao recordar, é como se a imaginação ganhasse vida própria, como se estivesse *digerindo os erros e os infortúnios, temperados com o sal do remorso*. A revisão da vida traz compreensão aos acontecimentos, é o *reescrever a vida em forma de história* (Hillman, 2001, p.121).

Na recordação da vida haveria uma *sutil insinuação da alma desfazendo-se do peso que vinha carregando para alçar vôo com mais facilidade?* (Hillman, 2001, p. 123).

As coisas imperdoáveis, nunca serão perdoadas, porque *na velhice elas não precisam ser perdoadas: simplesmente foram esquecidas*. O esquecimento, *esta maravilha da mente idosa, pode de fato ser a forma mais verdadeira do perdão e uma bênção* (Hillman, 2001, p. 123).

Estaria nossa imagem localizada apenas na lembrança daqueles que se lembram de nós? Ou será que o caráter permanece nos objetos reunidos, nas ferramentas utilizadas, nos lugares habitados? Talvez a história viva na memória do mundo além das lembranças humanas (Hillman, 2001, p. 232).

## VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.  
Ricardo Reis

Gostaria de compartilhar, chegando ao final dessa jornada – que espero não seja a última, e sim, mais uma entre muitas por vir – que me defino como uma leitora; orgulho-me por tudo quanto li e não pelo que escrevi, pois leio o que gosto, e prefiro o lido ao escrito.

O personagem Funes, o memorioso, criado por Borges (1999, OC vol. 2), é descrito como alguém que se considerava *como são todos os cristãos: um cego, um surdo, um abobado, um desmemoriado* (p.543) até uma queda de cavalo. Após o trauma transformou-se totalmente e recebeu, como compensação pelo fato de ficar entrevado no leito, uma capacidade excepcional de memorizar tudo visto e ouvido, porém, *não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair* (p.545).

Retomando a idéia de que a memória e a imaginação correlacionam-se pela *presença do ausente*, mas diferenciam-se pela condição da não-ação e pertencer ao passado para a memória, frente à condição da ação do imaginar, poderíamos considerá-las como polaridades. Pólos necessitados de equilíbrio para um processo de individuação se realizar de modo criativo, e não paralisar por excesso de memória, ou volatilizar-se perdendo o sentido do real por excesso de *fantasmas imaginais*.

Memorizar tudo é uma habilidade sobre-humana que acaba por descaracterizar o mortal, que somos.

A memória de tudo é uma expressão do divino onisciente, onipotente, necessitada da humanização; por sua vez, caracterizada pelo esquecimento, uma bênção.

Édipo teria esquecido ter matado Laio, seguindo seu destino trágico? Ao cegar-se rememorou e compreendeu suas vivências.

Saulo após o encontro com Cristo, ficou cego por três dias e, então, acordou Paulo, o fiel defensor de seu alvo de destruição – Cristo. Para tal transformação, teria Saulo-Paulo esquecido de suas crenças pregressas?

Quando estavam cegos, o que seria a cegueira frente aos seus processos de individuação?

Quando se mantém um ponto focado persistentemente, a percepção acaba distorcida até seu desaparecimento (a cegueira).

Como propõe a Psicologia Analítica, no meu entendimento, ao longo da vida devemos exercitar o contraponto daquilo que sabemos fazer para aprender a discriminar e interagir dialeticamente com o desconhecido. Esse exercício poderia referir-se tanto à tipologia (atitude e funções de consciência) como ao funcionamento, ou dinâmicas de consciência, isto é, o padrão com o qual predominantemente percebemos e interagimos com o mundo interno e ao nosso redor.

O envelhecimento, última etapa do processo de individuação, talvez seja a oportunidade derradeira para se rever valores, rememorar vivências, dando um sentido a própria existência.

Como todo tempo novo, para se adentrá-lo, há que se passar por um ritual iniciático, implicando vivenciar a morte e o renascimento, com perdas e sofrimento para ganhos futuros.

A memória, como uma função fundamental do padrão de consciência reflexiva, possibilitando o processo de aquisição da sabedoria, talvez seja um alvo importante dessas transformações psíquicas.

A princípio, são transformações consideradas como falhas, mas falhas inerentes ao processo. Quanto menos aceitas, quanto maior a rigidez e a dificuldade pessoal de se lidar com a morte e o diferente, maior a disfuncionalidade, constituindo-se num sintoma, com o propósito de servir como um *daimon*, auxiliando na concretização da tarefa também heróica dessa etapa da vida.

Trago dentro do meu coração,  
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,  
Todos os lugares onde estive,  
Todos os portos a que cheguei,  
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,  
Ou de tombadilhos, sonhando,  
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.

\*\*\*\* Passagem das horas (Álvaro de Campos)

## VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Alvarenga, M.Z.** (1999). O herói e a emergência da consciência psíquica. *Junguiana*, São Paulo, n.17, pp.47, 49, 52, 55.

(2000). A dinâmica do coração. Do herói-dever, heroína-acolhimento para o herói-heroína-amante-amado. *Junguiana*, São Paulo, n.18, p.142.

(2005). Vida e morte – Morte e vida. Correlações mítico-simbólicas. *Junguiana*, São Paulo, n.23, p.103.

(2006). Apostila do Workshop de 2006 – Curso de Formação da VII Turma da SBPA-SP.

(2009). Édipo (no prelo).

**Aristóteles.** (2008). In *Mente e Cérebro*, n.183, abril, p.14. São Paulo: Duetto.

**Assis, M.** (2008). *O Espelho* in Machado de Assis – Grandes Obras-Primas. São Paulo: Golden Books-DPL Editora.

**Aufranc, A. L. B.** (2002). Ética e Processo Analítico. *Junguiana*, São Paulo, n.20, pp. 103-108.

**Baudelaire, C.** (1985). *O Letes*, in *As Flores do Mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

**Bauman, Z.** (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

**Bernardi, C.** (2008). *Um ensaio sobre ensaio sobre a cegueira*. [http://www.rubedo.pcs.br/artigos/@\\_Carlos\\_Bernardi](http://www.rubedo.pcs.br/artigos/@_Carlos_Bernardi)

**Borges, J. L.** (1999). *O Aleph*, in *Obras Completas*, Vol. 1. São Paulo: Globo.

(1999). *Édipo e o Enigma*, in *Obras Completas*, Vol. 2. São Paulo: Globo.

(1999). *A Biblioteca de Babel*, in *Obras Completas*, Vol. 1. São Paulo.

(1999). *O Imortal*, in *Obras Completas*, Vol. 1. São Paulo: Globo.

(1999). *Ao Espelho*, in *Obras Completas*, Vol. 2. São Paulo: Globo.

(1999). *Os Espelhos*, in *Obras Completas*, Vol. 2. São Paulo: Globo.

(2003). *El Tiempo*, in *Obras Completas*, Vol. 4. Buenos Aires: Emecé-Editores S.A.

(2003). *La Inmortalidad*, in *Obras Completas*, Vol. 4. Buenos Aires: Emecé-Editores S.A.

(2004). *La Ceguera*, in *Obras Completas*, Vol. 3. Buenos Aires: Emecé-Editores S.A.

(2004). *El Espejo*, in *Obras Completas*, Vol. 3. Buenos Aires: Emecé-Editores S.A.

**Brandão, I. L.** (2005). *A última viagem de Borges - uma evocação*. São Paulo: Global.

**Brandão, J. S.** (1991). *Mitologia Grega*, Vol.1. Rio de Janeiro: Vozes.

(1992). *Dicionário Mítico-Etimológico*, vol. II. Rio de Janeiro: Vozes.

**Byington, C.A.B.** (2006) *Psicopatologia Simbólica Junguiana*. São Paulo: Linear B.

**Carotenuto, A.** (2004). *Amar trair: quase uma apologia da traição*. São Paulo: Paulus.

(2005). *Eros e pathos: amor e sofrimento*. São Paulo: Paulus.

**Campbell, J.** (2002). *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix.

**Chevalier, J. e Gheerbrant, A.** (1990). *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio.

82

**Fuks, J.** (2007) *Histórias de literatura e cegueira (Borges, João Cabral e Joyce)*. Rio de Janeiro: Record.

**Grüter, T.** (2008). *O mundo das pessoas sem rosto* in *Mente e Cérebro*, Edição Especial, n. 15, p. 8 – 19. São Paulo: Duetto.

**Guerra, A. G., Espelosín, F.J.G. e Gárate, I.G.** (2005). *Grecia, Myto y Memoria*. Madrid: Alianza Editorial.

**Hillman, J.** (2001). *A Força do Caráter e a poética de uma vida longa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

(1984). *O mito da Análise*. RJ: Paz e Terra.

(1995). *Anima: Anatomia de uma noção personificada*. São Paulo: Cultrix.

**Homero.** (2000). *Odisséia*. São Paulo: EDUSP.

**Jung, C. G.** (1984). *A dinâmica do inconsciente*. O C v. VIII. RJ: Vozes.

(1986). *Símbolos da Transformação*. OC v. V. RJ: Vozes.

- (1987). *Ab-Reação, Análise dos sonhos, Transferência*. OC v.XVI/2. RJ: Vozes.
- (1990). *Aion – Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. OC v.IX/2. RJ: Vozes.
- (1991). *Tipos Psicológicos*. OC v. VI. RJ: Vozes.
- (1995). *Estudos Experimentais*. OC v.II. RJ: Vozes.
- (2000). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. OC v. IX/1. RJ: Vozes.
- (2001). *Resposta a Jó*. OC XI/4. RJ: Vozes.

**Kandel**, Eric R.; Schwartz, James H.; Jessell, Thomas M. (1995). *Essentials of Neural Science and Behavior*. Caps. 35 e 36. Prentice Hall International, Inc. Londres.

**Letras** de músicas (Caetano Veloso - Qualquer coisa, O homem Velho; Chico Buarque - O circo místico; Lenine – Miedo) - <http://letras.terra.com.br/>

**Lima**, J. A. M. (1999). *Tirésias: Olhos da alma sã: a busca da doença e o encontro com a saúde*. São Paulo: Vetor.

**Lispector**, C. – Mude – <http://www.slideshare.net/drickanet/mude-clarice-lispector-438451>

– A lucidez Perigosa -

<http://amoreamor.com/poesia.php?id=687&titulo=A+lucidez+perigosa>

83

**Lutte**, G. (2005). Prefácio in Carotenuto, A. (2005). *Eros e pathos: amor e sofrimento*. São Paulo: Paulus.

**Machado**, Ângelo B.M. (1983) *Neuroanatomia Funcional*. Pp. 246-251. RJ: Livraria Atheneu LTDA.

**Marshall**, J. (2008). *Esquecer para lembrar* in *Mente e Cérebro*, n. 183, abril, pp. 39 – 46. São Paulo: Duetto.

**Neumann**, E. (2003). *História da origem da consciência*. São Paulo: Cultrix.

**Pessoa**, F. (1980). *O Eu profundo e os outros Eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

**Platão** (2001). *A República*, Livro X. SP: EDIPRO.

**Prétat**, J. R. (1997). *Envelhecer – os anos de declínio e a transformação da última fase da vida*. São Paulo: Paulus.

**Ricoeur, P.** (2006). *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Edições Loyola.  
(2007). *A memória, a história, o esquecimento*, p.28. São Paulo: Editora da UNICAMP.

**Santo Agostinho** (1997). *Confissões*. São Paulo: Paulus.

**Saramago, J.** (2008). In *Mente e Cérebro*, n.183, abril, p.14. São Paulo: Duetto.

(1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.

**Site Wikipédia:** [http://pt.wikipedia.org/wiki/Monografia\\_em\\_8.11.2008](http://pt.wikipedia.org/wiki/Monografia_em_8.11.2008)

**Site Biografia de Borges:**

[http://www2.fcsh.unl.pt/borgesjorgeluis/vida\\_borgesjorgeluis/vida.htm](http://www2.fcsh.unl.pt/borgesjorgeluis/vida_borgesjorgeluis/vida.htm)

**Souza, A. C. R.** (2007). *Coré-Perséfone: um ritual iniciático da totalidade do feminino*. In Alvarenga, M. Z. E cols (2007). *Mitologia Simbólica: Estruturas da Psique e Regências Míticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

(2007). *Dioniso*. In Alvarenga, M. Z. E cols (2007). *Mitologia Simbólica: Estruturas da Psique e Regências Míticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

**Treffert, D. A.** and Christensen, D. D. (2008). *O homem que não esquece* in *Mente e Cérebro*, Edição especial, n. 15, pp. 60 – 65. São Paulo: Duetto.

**Tsien, J.Z.** (2008). *Códigos da Memória* in *Mente e Cérebro*, n.183, abril, pp. 53 – 59. São Paulo: Duetto.

**Vargas, N.S.** (2002). *Símbolo e Psicossomática: o corpo simbólico*. *Junguiana*, 20, p.29 – 34.

**Vernant, J-P.** (1990). *Mito e pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

**Von Franz, M-L.** (1997). *Reflexos da Alma: Projeção e Recolhimento Interior na Psicologia de C.G.Jung*. São Paulo: Cultrix.

(1992). *Puer Aeternus – A luta do adulto contra o paraíso da infância*. São Paulo: Paulus.

**Von Franz, M-L.** e **Hillman, J.** (1995). *A tipologia de Jung*. São Paulo: Cultrix.